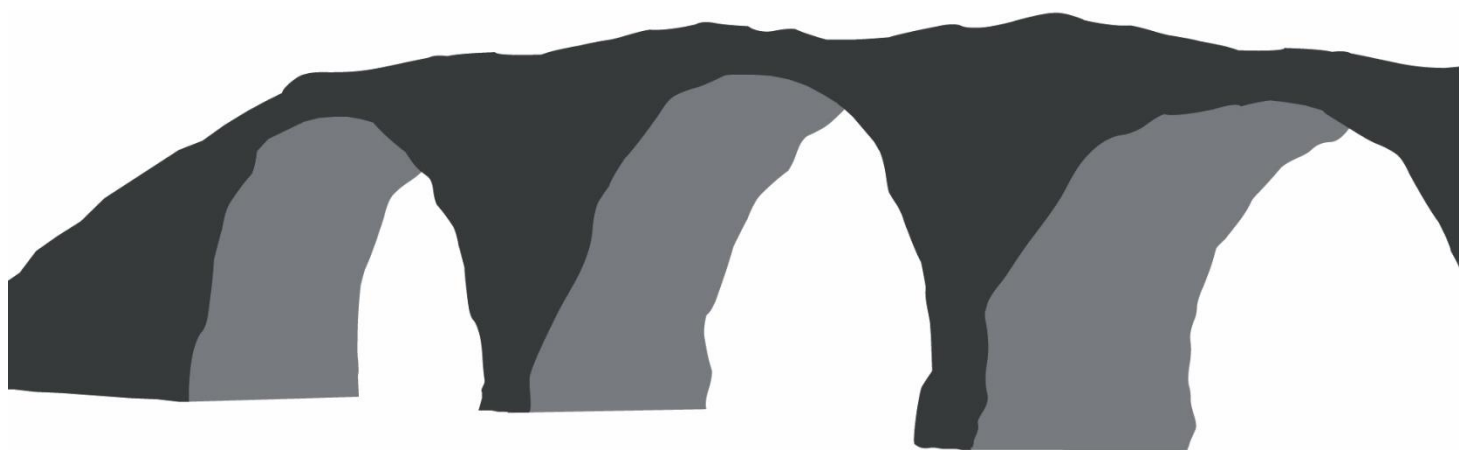


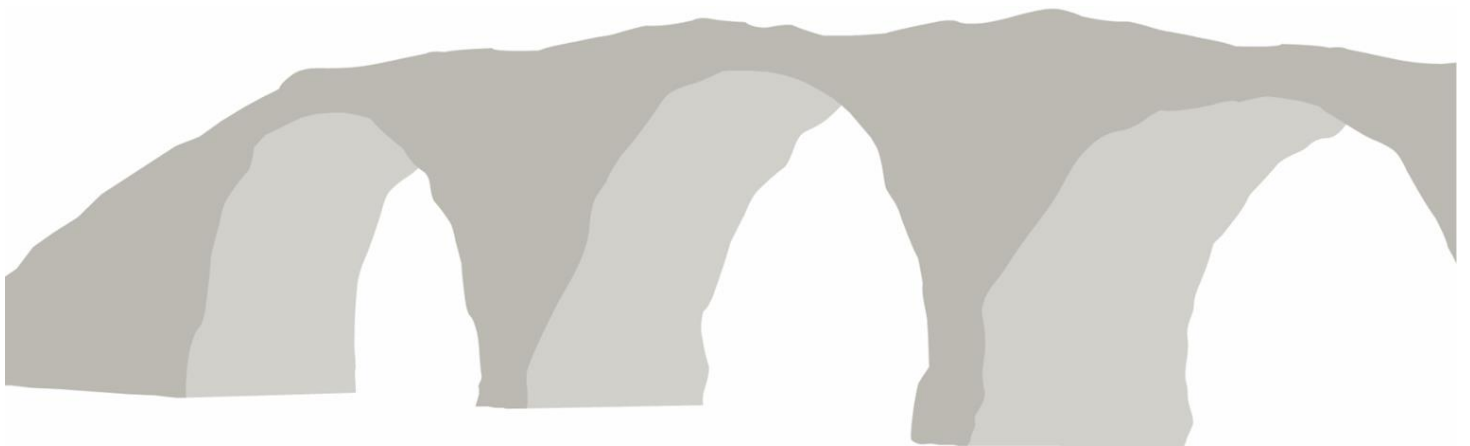
VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica
Volume 11 | Número 2 | Julho – Dezembro 2017
ISSN 1981-5875
ISSN (online) 2316-9699

**GÊNERO, RAÇA E TRABALHO NA ARQUEOLOGIA COLONIAL DAS
AMÉRICAS ESPANHOLAS**

**GENDER, RACE AND LABOR IN THE ARCHAEOLOGY OF THE SPANISH
COLONIAL AMERICAS**

Barbara L. Voss





Publicação original: Voss, B. L. 2008. Gender, race, and labor in the archaeology of the Spanish colonial Americas. Current Anthropology 49(5):861-897. Traduzido com autorização da autora e da editora University of Chicago Press.

GÊNERO, RAÇA E TRABALHO NA ARQUEOLOGIA COLONIAL DAS AMÉRICAS ESPANHOLAS¹

GENDER, RACE AND LABOR IN THE ARCHAEOLOGY OF THE SPANISH COLONIAL AMERICAS

Barbara L. Voss²

RESUMO

Gênero e raça são temas centrais das investigações arqueológicas do Império. Nessa pesquisa sobre a colonização espanhola das Américas, uma teoria proeminente, o padrão de Saint Augustine [*the St. Augustine pattern*], argumenta que a coabitação entre homens espanhóis e mulheres americanas ou africanas nos assentamentos coloniais resultou em uma forma distintivamente generificada de transformação: elementos culturais indígenas, africanos e sincréticos aparecem nas atividades do ambiente doméstico privado, associados a mulheres; já elementos culturais europeus são conservadoramente mantidos publicamente nas atividades visíveis masculinas. Esse artigo reconsidera o padrão de Saint Augustine através da análise da nova pesquisa que revelou uma diversidade considerável nos processos e resultados da colonização nas américas espanholas. Métodos arqueológicos, tais como o padrão já referido, se baseiam em categorias binárias de análise, mascarando assim a complexidade e ambiguidade da cultura material nos sítios coloniais. Ademais, a abundância e onipresença da cultura material indígena, africana e sincrética nas habitações coloniais no circum-Caribe indica que a macroescala das relações econômicas, de troca e trabalho, mais do que a composição das habitações, eram causas importantes da transformação cultural colonial nas Américas. O foco analítico no trabalho em composições coloniais providencia uma metodologia multiescalar que abrange tanto emaranhados a nível institucional quanto doméstico entre colonizadores e colonizados.

¹Traduzido por Luisa de Assis Roedel. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, luisaroedel@gmail.com.

²Professora Assistente no Departamento de Antropologia da Universidade de Standford (Stanford, CA 94305-2034, U.S.A.). E-mail: bvoss@stanford.edu.

ABSTRACT

Gender and race are central to archaeological investigations of empire. In research on the Spanish colonization of the Americas, one prominent theory, the St. Augustine pattern, argues that cohabitation between Spanish men and Native American and African women in colonial households resulted in a distinctly gendered form of cultural transformation: indigenous, African, and syncretic cultural elements appear within private domestic activities associated with women; and European cultural elements are conservatively maintained in publicly visible male activities. This article reconsiders the St. Augustine pattern through analyses of new research that has revealed considerable diversity in the processes and outcomes of colonization throughout the Spanish Americas. Archaeological methodologies such as the St. Augustine pattern that rely on binary categories of analysis mask the complexity and ambiguity of material culture in colonial sites. Additionally, the abundance and ubiquity of indigenous, African, and syncretic material culture and foodstuffs in colonial households in the circum-Caribbean indicate that macroscale economic, trade, and labor relationships, rather than household composition, were important causes of colonial cultural transformation in the Americas. An analytical focus on labor in colonial settings provides a multiscalar methodology that encompasses both institutional and household-level entanglements between colonizers and colonized.

A Arqueologia histórica emergiu através do estudo da colonização europeia das Américas, e a pesquisa no império continua a ser o centro da teoria e método arqueológico. Esse artigo reconsidera, talvez, a teoria mais abordada e amplamente disseminada acerca da colonização: o padrão de Saint Augustine³. Desenvolvido por Kathleen Deagan (1974, 1983) através de uma pesquisa arqueológica em Saint Augustine, Florida, o padrão homônimo entende que um padrão cultural crioulo distinto surgiu através de encontros entre populações espanholas, nativas e africanas⁴. Elementos culturais sincréticos, indígenas e africanos foram adotados em atividades domésticas associadas a mulheres ao mesmo passo em que elementos culturais espanhóis foram mantidos em atividades coloniais masculinas, que eram publicamente visíveis. Argumenta-se que o casamento e coabitação entre homens espanhóis e mulheres nativas ou africanas era o mecanismo central que integrava esses traços culturais diversos. Acadêmicos citaram amplamente o padrão de Saint Augustine como evidência das diferenças sistemáticas entre empreendimentos coloniais espanhóis e britânicos do sudeste norte-americano.

No momento dessa introdução o padrão de Saint Augustine era sem precedentes na sua atenção a gênero e práticas domésticas na arqueologia do império. Deagan mostrou que mulheres indígenas participaram ativamente enquanto agentes de mudança cultural e que culturas coloniais foram transformadas tanto quanto ou, às vezes, até mais do que culturas indígenas. O padrão de Saint Augustine foi também a primeira grande teoria arqueológica a considerar seriamente a importância de populações de raças misturadas. Esses *insights* revigoraram a arqueologia do império e inspiraram novas gerações de acadêmicos a conduzir pesquisas acerca da colonização e suas consequências.

Entretanto estudos recentes de assentamentos da Espanha colonial têm desafiado a validade empírica e ampla do poder explanatório do padrão de Saint Augustine. Em particular, teorias feministas pós-coloniais e pós-estruturalistas levantam questões sobre se as categorias binárias de análise são adequadas para interpretar a cultura material de sítios coloniais. Apesar dessas mudanças metodológicas nas interpretações da colonização espanhola, algumas das quais foram capitaneadas por Deagan e seus colegas, o padrão de Saint Augustine continua a ser acriticamente promulgado por algumas escolas da Arqueologia e da História.

Esse artigo reconsidera três aspectos do padrão de Saint Augustine: a generalização desse padrão para explicar a colonização espanhola através das Américas; o uso de categorias duais para a análise de artefatos e, finalmente, o grau em que a composição doméstica, especialmente casamentos entre homens colonizadores e mulheres indígenas, causaram as transformações culturais evidentes nos assentamentos coloniais circun-caribenhos.

O PADRÃO DE SAINT AUGUSTINE

Fundada em 1565 a *presidio* (cidade militar) de Saint Augustine foi o primeiro assentamento europeu permanente em La Florida (fig. 1). Enquanto capital de La Florida desde 1576, Saint Augustine também governou vários municípios relacionados à agricultura e também uma rede de missões franciscanas.

³O “padrão de Saint Augustine” não é mais utilizado por Deagan, mas é comumente encontrado em publicações arqueológicas como simplificação da hipótese principal dos primeiros escritos de Deagan (1974, 1983). Uma vez que essa hipótese específica, e não o programa de pesquisa mais amplo de Deagan, é o foco de crítica, eu aproprio essa terminologia nesse artigo.

⁴Nesse contexto, crioulo (*criollo*) designa colonos espanhóis nascidos nas Américas e é utilizado mais amplamente para se referir à formação de distintas culturas colônias hispano-americanas.

A pesquisa na década de 1970 em Saint Augustine

Deagan formulou o padrão de Saint Augustine dentre os paradigmas acadêmicos dominantes de tempos: pesquisa da aculturação, especialmente a teoria de Foster (1960) acerca da cristalização cultural; ênfase da arqueologia processual em testar hipóteses (Binford, 1962); e padrão de análise de artefatos (South, 1978) (Deagan, 1974: 35):

A cultura doadora no século XVIII em Saint Augustine pode ser caracterizada como uma visão extremamente reduzida da cultura espanhola, consistindo principalmente em homens, militares e elementos fronteiriços. Uma vez que a forma de interação mais eficiente e preponderante com a população nativa era através de casamento com mulheres indígenas, a cultura recipiente pode ser vista como uma versão reduzida da cultura indígena, consistindo em elementos culturais femininos, domésticos e folclóricos.

Visto que as relações de poder entre culturas doadoras (colonial) e recipientes (indígena) eram desiguais, com a cultura colonial tendo um status mais alto, Deagan (1983: 104) ainda previu que “áreas visíveis da cultura – aquelas designadas por Binford como ‘sociotécnicas’ – seriam hispânicas em vez de indígenas”. Esses fatores combinados promoveram a hipótese central do padrão de Saint Augustine:

Em áreas de baixa visibilidade nas quais ocorriam práticas associadas a mulheres, tais como dieta, preparação alimentícia e outras atividades ligadas à cozinha presumivelmente exibiriam os traços indígenas mais fortes, enquanto áreas visíveis associadas aos homens como construção, armamento e outras atividades militares supostamente exibiriam menor influência indígena.

Essa hipótese foi testada através de escavação e análise de cinco depósitos domésticos do século XVIII, que representam uma variedade de rendas, ocupações e etnicidades (Deagan, 1983). Os artefatos recuperados de cada habitação foram primeiramente divididos entre categorias (cozinha, arquitetura, armas, roupas, objetos pessoais, tabaco e atividades), cada uma das quais associadas com gênero, raça e visibilidade social. A classe “cozinha” dos artefatos, por exemplo, era uma classe feminina de baixa visibilidade, enquanto a arquitetura era uma classe masculina altamente visível. Dentre cada categoria, artefatos eram ainda designados como indígenas ou hispânicos. As frequências relativas de artefatos indígenas para hispânicos em cada classe eram então comparadas através das cinco habitações. Essa análise percebeu que “independentemente da renda ou afiliação étnica dos habitantes de um sítio, a influência nativa é mais evidente no grupo da cozinha (atividade feminina)” (Deagan, 1983:122). A habitação *mestizo*, de propriedade de María de la Cruz, mostrou uma alta proporção de cerâmicas nativas e uma variedade de vestígios de fauna e flora mais amplos do que quaisquer outros ambientes domésticos crioulos, sugerindo que o casamento entre colonizadores e indígenas era “uma poderosa força para aculturação espanhola” (Deagan, 1983: 238). Deagan então comparou os assentamentos de Saint Augustine com aqueles de colônias britânicas, os quais continham escassos materiais de origem não europeia. Deagan atribuiu essa diferença à prevalência do casamento colonial-indígena nas colônias espanholas e a endogamia nas colônias britânicas (1983: 268-269), concluindo: “Em Saint Augustine e no resto do novo mundo espanhol, uma força extremamente potente para aculturação e processos adaptativos foi o casamento interracial entre espanhóis e indígenas, a mestiçagem.” (p. 271).

Avaliando o padrão de Saint Augustine em Hispaniola

Nas décadas de 1980 e 1990 escavações em quatro sítios da ilha caribenha de Hispaniola — La Isabela (1493–98), Concepción de la Vega (1496–1562), Puerto Real (1503–78) e En Bas Saline (ca. 1250–ca. 1560) — proporcionaram uma oportunidade de avaliar a profundidade temporal e extensão geográfica do padrão de Saint Augustine. A escavação de La Isabela, o primeiro assentamento colonial permanente nas Américas revela uma cidade caracterizada pela venda por atacado “recreação da vida espanhola no século XV — uma tradução de elementos materiais com relativamente pouca intenção de adotar técnicas ou matérias-primas americanas.” (Deagan & Cruxent, 1993: 83; ver também Deagan & Cruxent, 2002a, 2002b). Em oposição, os assentamentos pós-Isabela, de Concepción de la Vega e Puerto Real, mostraram mudanças marcantes nas políticas e práticas coloniais, sendo interpretados como evidência de que o padrão de Saint Augustine se originou no início do século XVI. Em Concepción de la Vega, escavações mostraram que os colonos usaram uma mistura de bens produzidos localmente e importados, incluindo quantidades substanciais de cerâmica local que combinam traços caribenhos, centro-americanos, sul-americanos e europeus (Deagan 1988, 1999:31). Investigações de duas construções residenciais em Puerto Real também concluíram que as cerâmicas produzidas localmente eram amplamente adotadas para preparação alimentícia (McEwan, 1986, 1995; Deagan, 1995; Ewen, 1991, 2000). Enquanto o uso de cerâmica em Hispaniola é congruente com aquele em Saint Augustine, existem outras diferenças.



Figura 1: Locais dos assentamentos coloniais espanhóis discutidos. A área sombreada aproxima a extensão máxima da colonização espanhola nas Américas. Cartografia por Kat Bennet, 360Geographics.

Enquanto os colonizadores de Saint Augustine dependeram das espécies locais não domesticadas, em Puerto Real a dieta consistia primariamente de carne bovina e suína (Reitz & McEwan, 1995). Adicionalmente, ainda em Puerto Real, as cerâmicas produzidas localmente se modificam significativamente durante a história do assentamento, o que Smith (1995:335) interpreta como reflexo da substituição demográfica de trabalhadores Taíno e Lacayan por africanos escravizados nos fins da década de 1510.

A recente análise de Deagan (2004) dos materiais escavados da vila de Taíno e En Bas Saline permitem um raro vislumbre de respostas indígenas à colonização espanhola de Hispaniola. Evidências arqueológicas indicam continuação das tradicionais práticas sociais e de subsistência Taíno apesar do estresse demográfico causado por doenças, contato militar e regimes de trabalho. Deagan sugere que os papéis de gênero relativamente não especializados entre os Taíno permitiram reações flexíveis à colonização. A escassez de artefatos europeus em En Bas Saline indica que comunidades Taíno resistiram à incorporação de bens não nativos, contrastando bruscamente com os assentamentos coloniais espanhóis, nos quais bens indígenas e localmente produzidos são recuperados em altas frequências. Deagan (2004:622) conclui que “o contato que induziu mudança cultural no âmbito doméstico foi em grande medida unidirecional – desde Taíno até Spaniard”. Juntas, as escavações em Hispaniola têm sido interpretadas como evidência de que o padrão de Saint Augustine surgiu durante décadas de colonização espanhola, ao mesmo tempo em que destacam a importância do ambiente local e dos fatores demográficos para a adaptação espanhola ao Novo Mundo.

Continuando a pesquisa em *La Florida*

O assentamento militar de Santa Elena (1566-1687) foi escavado durante 1979-86 (South 1988; South, Skowronek, and Johnson 1988). Seguindo o padrão de Saint Augustine, South (1988, 42) postulou que a cerâmica produzida localmente nos assentamentos coloniais indicaria interações entre homens espanhóis e mulheres indígenas e que o status colonial seria demonstrado através de valiosos itens espanhóis. South comparou artefatos encontrados no forte com aqueles encontrados em residências civis adjacentes. Mais itens de origem espanhola foram encontrados no forte do que em residências extra-muros, mas a frequência de cerâmicas indígenas era similar em ambas as áreas (47,9% e 42,4%, respectivamente). Entretanto, os tipos de cerâmica se diferem. Os tipos Timucuan associados aos Saint Johns encontrados em residências extra-muros foram interpretados enquanto evidência de que as mulheres Timucuan eram presentes como servas, concubinas e esposas dos colonos espanhóis. Por outro lado, cerâmicas Irene-Pine Harbor encontradas dentro do forte parecem terem sido fornecidas pelos nativos locais, como parte dos tributos requeridos (South, 1988: 61). O estudo de Santa Helena, portanto, confirma o desenvolvimento precoce do padrão de Saint Augustine em La Florida, mas simultaneamente aponta para outros processos, tais como exigências de tributos, o que pode ter acarretado uma grande quantidade de cerâmicas indígenas nos assentamentos coloniais.

Durante os últimos 20 anos, houve mais de 250 novos projetos arqueológicos em Saint Augustine (Halbirt, 2004: 34). Vários depósitos dos séculos XVI e XVII foram interpretados como evidência que os colonos seguiram o padrão de Saint Augustine desde a fundação do assentamento (por exemplo, Deagan 1985:305; Hoffman, 1997). Pesquisas mais recentes ocorreram fora dos muros formais da cidade colonial em duas vilas nativas adjacentes, Nombre de Dios e San Sebastián (Merritt, 1983; Milanich, 2006), e na livre milícia negra da cidade de Gracia Real de Santa Teresa de Mosé, que foi estabelecida em 1738 para abrigar

ex-escravos africanos fugitivos das Carolinas Britânicas e Georgia (Deagan & MacMahon, 1995; Deagan & Landers, 1999; Landers, 1999).

Em Mosé pesquisadores encontraram poucas evidências de “africanismos”; em vez disso, a cultura material local se assemelha aos conjuntos encontrados em áreas residenciais de nativos americanos e colonos. Os residentes dessa localidade consumiam menos carne bovina e suína do que os das habitações coloniais; sua dieta dependia fortemente de recursos encontrados no ambiente, o que “parece em cada aspecto idêntico com a vila da missão Nombre de Dios” (Reitz, 1994: 38). De acordo com Reitz, esse distintivo padrão de caçar e pescar era provavelmente aprendido dos nativos e “alguns dos animais recuperados de Mosé podem ter sido adquiridos pelas esposas nativas americanas [dos homens africanos]” (Reitz, 1994:38). Adicionalmente, cerâmicas recuperadas de Mosé são primariamente cerâmicas Saint Johns afiliadas a Timucuan, em vez de cerâmicas San Marcos, relacionadas a Guale, que predominaram na cidade colonial. Em outras áreas da cultura material, como roupas e armamentos, o contexto arqueológico de Mosé se assemelha ao que foi encontrado na maioria dos sítios coloniais espanhóis (Deagan & Landers, 1999: 272-73). Consistentes com o argumento principal do padrão de Saint Augustine, outras disciplinas têm realçado a importância de mulheres nativas americanas em Saint Augustine. McEwan (1991) e Trocolli (1992) se basearam em teorias de agência social para argumentar que mulheres nativas tinham papéis ativos de intermediadoras culturais enquanto esposas e servas de homens coloniais. Trocolli (1992) enfatiza que o casamento inter-racial foi um veículo através do qual mulheres Timucuan garantiam a reprodução social de tradições indígenas no meio do transtorno colonial. O conceito de agente cultural agora é amplamente adotado em discussões sobre o padrão de Saint Augustine: “Seja enquanto esposas, concubinas ou servas, [as mulheres não europeias] eram as agentes para trocas europeias, indígenas e africanas dentre as habitações e comunidades hispano-americanas” (Deagan, 2003: 8; ver também Deagan, 1996, 2001, 2002a).

O padrão de Saint Augustine hoje

Os programas de pesquisa descritos acima modificaram o padrão de Saint Augustine. Há um crescente reconhecimento de que arranjos familiares interétnicos foram formados não só através de casamentos, mas também de concubinato e trabalho doméstico (South, 1988: 42; McEwan, 1991; Deagan, 2001: 191). Enquanto a coabitação colonial-indígena permanece como um foco central, interpretações arqueológicas se expandiram para incluir outros aspectos do encontro colonial, tais como conversão religiosa e trabalho (Deagan, 1985: 289; 2001: 189; 2003: 3; 2004). Atualmente, pesquisadores enfatizam mais o sincretismo tricultural nativo americano/africano/europeu do que o referencial binário colonial/nativo usado nas primeiras análises (Deagan, 1985: 289; 1980: 298; 1991; Deagan & Cruxent, 1993: 67). Sobretudo, tem ocorrido um deslocamento partindo da teoria de aculturação em direção a outros modelos, tal como a teoria de transculturação de Ortiz, que evidencia a agência social e reinterpreta o modelo de Saint Augustine como um processo sincrético no qual agentes múltiplos criaram novas formas culturais (*e.g.*, Deagan, 1998: 23; 2002a:4). A formação de famílias interétnicas continua a ser destacada como veículo importante da transmissão cultural no circum-Caribe colonial espanhol. Finalmente, argumenta Deagan, pode-se creditar o plantio das sementes culturais para a eventual rejeição da regra espanhola para a América Latina às mudanças decorrentes de casamentos inter-raciais. (Deagan, 2001:194):

Quase todos os lares, quando observados do ponto de vista arqueológico, incorporaram elementos africanos e indígenas americanos nas atividades domésticas básicas controladas por mulheres... Poderia ser sugerido que foi no âmbito dessas famílias, e em atividades domésticas das mulheres, que as transformações sociais de identidade nas colônias imperiais começaram, levando finalmente ao fim do império.

Influência Generalizada e Críticas Emergentes

Nos 30 anos seguintes a sua articulação inicial, o padrão de Saint Augustine influenciou a arqueologia muito além do estudo das Américas espanholas. A hipótese de Deagan de que casamentos inter-raciais fomentaram transformações culturais das famílias coloniais é largamente citada em textos introdutórios e em sínteses gerais como uma das mais significativas contribuições da Arqueologia Histórica para a teoria antropológica⁵. O padrão Saint Augustine também chamou a atenção para a importância dos papéis de gênero em encontros coloniais, tanto que pelo menos um acadêmico afirma que os estudos de Saint Augustine “exemplificam a visão que o foco no gênero pode oferecer à Arqueologia” (Silliman, 2005: 290). Assim, pode-se creditar a ele a inspiração para pesquisa arqueológica da influência da mulher indígena e dos papéis de gênero em assentamentos coloniais por toda a América do Norte. (por exemplo, Scott, 1991; Spector, 1993; Whelan, 1993; Lightfoot, Martinez & Schiff, 1998; Frink, 2007). O foco do padrão de Saint Augustine em casamentos inter-raciais também se reflete em estudos abrangentes de imperialismo, desde a Grécia e Roma clássicas (*e.g.*, Hodos, 1999; Pollard, 2000) a outros impérios europeus modernos (por exemplo, Rothschild, 2003; Lightfoot, 2005). Ao mesmo tempo que o padrão de Saint Augustine se viu largamente incorporado em estudos de império (provavelmente mais largamente do que Deagan pretendia), estudos recentes levantaram questões sobre o suporte empírico deste modelo e o grau que o padrão de Saint Augustine caracteriza os encontros culturais coloniais nas Américas⁶.

Variabilidade na América Espanhola

“É importante”, escreve Jamieson (2000: 161), “que arqueólogos históricos não estendam o modelo de Deagan para todos os outros sítios coloniais na crença errônea de que ele é um ‘padrão geral espanhol de adaptação ao Novo Mundo’ (Ewen, 1991: 102). A pesquisa de Jamieson em Cuenca, Ecuador tem desafiado a ênfase de que o padrão de Saint Augustine coloca nas atividades domésticas femininas. Notando que algumas mulheres coloniais em Cuenca possuíam propriedade, estavam envolvidas na agricultura e comércio, além de participarem na subjugação colonial de povos nativos, Jamieson (2000: 144) argumenta que:

a suposição de atividades domésticas dominaram as vidas das mulheres ignora o importante papel da família nas relações econômicas nos Andes coloniais ao mesmo tempo em que agrupa uma grande variação de vidas de mulheres através da área geográfica do império espanhol ao longo de seus trezentos anos de história.

⁵Para exemplos de textos, ver: Fagan, 2005: 523-26; Orser, 2004: 42-43, 109, 178-79; Thomas E Kelly, 2006: 19-22. Para sínteses gerais, ver: Bense, 1994; King, 2006: 306; Lawrence & Shepherd, 2006: 73; Loren, 2005: 302; Silliman, 2005: 286-90; Sorensen, 2000: 173-74; Spencer-Wood, 2006: 68; e Voss, 2006: 111-12.

⁶Na última década, novos estudos etnoarqueológicos também transformaram entendimentos da colonização espanhola, particularmente a “história da nova missão” (Deeds, 2004), estudos de gênero (por exemplo, Stern 1995) e pesquisas em colônias africanas e espanholas (por exemplo, Landers 1999). Essa revisão foca em estudos arqueológicos, com o objetivo de chamar atenção a questões metodológicas na interpretação de depósitos arqueológicos.

Essas preocupações são reverberadas nos apontamentos de McEwan (1991) e Troccoli (1992), os quais recontaram de maneira similar o envolvimento de mulheres colonas e indígenas na posse de propriedade, negócios, agricultura, produção de artesanatos, trocas, assuntos políticos e defesas militares em La Florida e Hispaniola, e no relato de Deagan (2004) das mulheres Taíno no envolvimento em lideranças políticas e rituais na era do contato em Hispaniola.

O estudo arqueológico e etno-histórico de Rothschild (2003) da colônia espanhola do Novo México similarmente adiciona novas dimensões ao estudo de gênero e sexualidade em contextos imperiais. Rothschild repensa o casamento inter-racial entre colonizadores e indígenas como apenas um dos vários mecanismos pelos quais colonizadores adquiriam trabalho e serviços femininos, incluindo sexuais. Ela enfatiza que serviços sexuais e trabalho doméstico eram frequentemente obtidos através de força ou coerção bem como através de consentimento voluntário da mulher. “Por trás da aparente intimidade na conexão entre espanhóis e nativos reside uma forte crueldade física que era um consistente componente da regra colonial espanhola” (Rothschild, 2003: 31).

Outra pesquisa chamou atenção para maneiras que elementos indígenas, bem como espanhóis, eram incorporados em aspectos públicos e masculinos da vida colonial. A análise de Low (1995) de evidências arqueológicas e etnohistóricas de quatro assentamentos coloniais (Tipu, Belize; Santo Domingo, Hispaniola; Tenochtitlan, Cidade do México; e Mérida, Yucatan) conclui que cidades pré-colombianas influenciaram substancialmente o planejamento das cidades coloniais espanholas. Rodríguez-Alegría (2005a, 2005b) estudou várias habitações do século XVI na cidade do México e descobriu que havia uma grande variedade de uso de utensílios de mesa de cerâmica Asteca além de diversidade no consumo de comidas ibéricas e mexicanas pelos colonos. Isso indica que (Rodrigues-Alegría, 2005b: 551-52):

Os conquistadores espanhóis adotaram estrategicamente vários aspectos da cultura material indígena...não havia um padrão único ou monolítico de consumo ou rejeição de material indígena relacionado ao serviço de alimentação nas diferentes áreas do Império Espanhol.

Este achado se repete em vários outros estudos de cerâmica na bacia do México Central (Charlton & Fournier, 1993; Charlton, Charlton & Fournier-Garcia, 2005), em Potosí, Bolívia (Van Buren, 1999), e Lima e no vale Moquegua no sul do Peru (Smith, 1997), todos eles descobrindo que a produção de cerâmica indígena de utensílios de mesa floresceu sob o domínio colonial e que esses bens socialmente visíveis eram frequentemente incorporados por famílias coloniais. Colonos do presídio de Téjas de Los Adaes incorporaram materiais e estilos indígenas em outras áreas de cultura material socialmente visíveis, tais como arquitetura e vestuário (Loren, 1999). No Peru, colonos espanhóis adotaram as redes de transporte dos Incas, tecnologia de irrigação e sistemas de aquisição de trabalho, levantando questões sobre o postulado de que as chamadas arenas públicas de vida colonial eram dominadas por tecnologia ibérica (Smith, 1997). Outros estudos descobriram que as geografias “urbano-rural” e “núcleo-periferia” influenciaram a presença e distribuição de bens indígenas e coloniais (Charlton & Fournier, 1993; Fournier-Garcia, 1997; Charlton, Charlton & Fournier-Garcia, 2005; Lycett, 2005), indicando que a posição de um assentamento dentro de redes coloniais sociais e econômicas mais amplas influenciou o uso colonial de bens e comidas indígenas, africanas, europeias e mistas nas habitações.

Investigações em São Francisco, Califórnia, também descobriram padrões bastante diferentes daqueles previstos pelo padrão de Saint Augustine. Diferentemente da mestiçagem cultural e biológica que se pensava ter ocorrido por toda a América Espanhola, os colonos de São Francisco mantiveram uma rígida fronteira material, espacial e social das populações nativas americanas. Casamentos inter-raciais entre colonizadores e americanos nativos eram raros e os colonizadores militares não adotaram a cultura material ou recursos alimentares indígenas. (Voss, 2005, 2008a). O contraste entre práticas coloniais em Saint Augustine e San Francisco, junto com outros estudos vistos acima, indicam que houve uma considerável variação na maneira que as pessoas definiram e expressaram identidades sociais na América espanhola.

Interpretações alternativas de *La Florida* e *Hispaniola*

O assentamento colonial de Pensacola na Flórida ocidental foi palco de três presídios sucessivos (Santa María de Galve [1698-1719], Isla de Santa Rosa [1722-53], e San Miguel de Pensacola [1754-63]; depois de 1781, Pensacola foi um forte espanhol e cidade comercial até a anexação pelos Estados Unidos, em 1821. A investigação desses assentamentos mostrou que, em Pensacola, bens localmente produzidos aparecem em frequência bem menor do que em sítios coloniais em La Florida oriental e Hispaniola (Bense, 1999, 2003). Isto se intensificou ao longo do tempo: por exemplo, cerâmica utilitária localmente produzida constituía somente 42% do conjunto de cerâmica do Presídio Santa María de Galve, 34% do Presídio de Santa Rosa e meros 8% do Presídio de San Miguel de Panzacola e está quase completamente ausente das cidades coloniais espanholas após 1781 (Bense, 1999: 131; Harris, 2003). Padrões similares são vistos em remanescentes da fauna e da flora e em outros bens artesanais. Isto é interpretado como uma indicação da dificuldade que Pensacola tinha em atrair e reter trabalhadores nativos americanos. Embora muitos colonos de Pensacola se casassem ou coabitassem com mulheres nativas americanas (Clune *et al.*, 2003: 38; Harris, 2003: 271), a coabitação colonial-indígena não era uma variável significativa que afetasse a incorporação de comidas locais e artesanato pelas famílias coloniais.

Outros estudos adotaram uma perspectiva regional. Pesquisas zooarqueológicas e arqueobotânicas fatores econômicos e ambientais em escala macro, mais do que a composição familiar, foram os determinantes primários na dieta colonial espanhola. Sobretudo, os colonos tendiam a manter uma dieta ibérica se a importação de suprimentos fosse confiável e se o ambiente fosse favorável para a produção local de plantas e animais europeus (Reitz & Cumbaa, 1983; Reitz&Scarry, 1985; Reitz, 1992; Scarry, 1993; Reitz &McEwan, 1995). Em locais tais como La Florida, onde suprimentos externos não eram autênticos e o ambiente local não sustentava a maioria dos animais e plantas europeus, os colonizadores “alteraram radicalmente seus hábitos alimentares para sobreviver” (Reitz & Scarry, 1985: 92). Enquanto reconhecem que os americanos nativos em Saint Augustine provavelmente participaram da formação dos hábitos alimentares coloniais, Reitz & Scarry (1985: 95) especulam que:

muitos aspectos da nova estratégia poderiam ter se desenvolvido mesmo na ausência de modelos fornecidos por populações aborígenes. Evidência para isto é vista na similaridade dos hábitos alimentares adotados por colonos britânicos e americanos nesta área séculos depois de as populações nativas terem sido desmanteladas e dispersadas.

Raça e status econômico tinham algum efeito na distribuição de alimentos dentro dos assentamentos. Na cidade colonial de Saint Augustine, a composição alimentar variava com a renda, as famílias mais ricas e as mais pobres apresentando a maior diversidade de espécies locais, não domesticadas (Reitz & Scarry, 1985: 92). Adicionalmente, as vilas americanas nativas praticamente não consumiam animais domesticados, e os residentes de Mosé comiam menos animais domesticados do que colonos não-africanos (Reitz, 1994).

Na América colonial espanhola, a articulação entre *status* econômico e raça é particularmente forte. Estudos alimentares ilustram o quanto é difícil discernir o grau que raça, por um lado, e *status* econômico, por outro lado, foram causas de diferença cultural. Este dilema é ainda demonstrado por estudos de cerâmica conduzidos por Deagan (1983) e Shephard (1983) na Saint Augustine do século XVIII. Ambos concluíram que análises estatísticas de conjuntos cerâmicos explicam distinções econômicas entre famílias, mas não podiam explicar diferenças raciais. Em Pensacola, patente militar e meios econômicos também determinavam acesso diferencial à cultura material e recursos alimentares (Bense, 2003: 3490). Estes estudos levantam questões sobre o grau ao qual sistemas econômicos e renda familiar, mais do que coabitação indígena-colonial, influenciou a inclusão de materiais produzidos localmente no contexto familiar.

Adicionalmente, algumas pesquisas em La Florida e Hispaniola sugerem que a incorporação de bens locais em famílias coloniais foi primariamente um resultado do sistema de tributos e do regime de trabalho. Em Puerto Real, mudanças nos tipos de cerâmica eram diretamente relacionados à importação de africanos escravizados (Smith 1995). Em Concepción de la Vega, a análise de cerâmica indica que os espanhóis estavam organizando escravos nativos não-locais, para manufaturar bens artesanais para consumo colonial (Deagan, 1988: 210; 2002b). Em Santa Elena, cerâmica produzida localmente encontrada dentro do forte foi atribuída a pagamento de tributos (South, 1988). Em La Florida ocidental, gêneros alimentícios locais eram obtidos principalmente através do tributo exigido dos americanos nativos convertidos: “típico dos soldados daquele tempo, os colonizadores espanhóis dependiam fortemente da população local aborígine para comida.... Índios traziam gêneros alimentícios a Saint Augustine e Santa Elena ou os soldados saíam para exigí-los” (Reitz & Scarry, 1985: 97).

Discussão

Estes estudos demonstram a rica variedade que caracterizou os encontros coloniais por toda a América Espanhola e mesmo no circum-Caribe, e evita a tendência em arqueologia histórica de generalizar o padrão de Saint Augustine como representativo de um modelo geral, pois o padrão variou significativamente de acordo com a localização do assentamento no império (regiões de fronteira, que receberam maior atenção dos arqueólogos, parecem diferir marcadamente de assentamentos no interior), o propósito do assentamento (exploração ou colonização, religioso, mercantil, extrativo, ou militar), demografia colonial e as relações desenvolvidas com populações indígenas. Além disso, ocorreram mudanças significativas nas políticas e práticas coloniais ao longo do tempo, tal como as reformas Bourbon do século XVIII.

Contudo, mesmo em contextos como ou comparáveis a La Florida e o circo-Caribe, a pesquisa descrita acima desafia aspectos centrais do padrão de Saint Augustine. É cada vez menos claro se existe uma relação causal entre a formação de famílias interétnicas e os materiais usados e consumidos por este grupo familiar. Objetos nativos americanos, africanos e sincréticos nem sempre foram incorporados às famílias coloniais,

mesmo quando mulheres não europeias estiveram presentes. Muitos colonizadores espanhóis exibiam publicamente cultura material associada a americanos nativos e africanos. A agência das mulheres é vista não apenas na vida doméstica, mas também em contextos públicos.

Juntos, esses achados levantam questões fundamentais de causa e escala: a incorporação de materiais indígenas, africanos e sincréticos em famílias coloniais pode ser explicada através da coabitação de homens colonos com mulheres não colonas nessas habitações? Os estudos discutidos acima sugerem que os arqueólogos precisam voltar a fenômenos de meso e macroescala – fatores ambientais, sistemas econômicos, regulações institucionais e regimes de trabalho e tributos – para entender os processos sociais que trouxeram materiais locais para os lares coloniais e colonizadores espanhóis aculturados às Américas.

METODOLOGIA: HOMEM/MULHER, PÚBLICO/PRIVADO, COLONIAL/INDÍGENA

O padrão de Saint Augustine utilizou dois conjuntos opostos de relações binárias masculino-público-colonial em oposição à feminino-privado-indígena, para analisar vestígios arqueológicos. Por exemplo, o jantar é categorizado como uma atividade socialmente visível (pública) associada ao *status* dos homens colonizadores: “Uma mesa espanhola seria altamente visível aos vizinhos e convidados” (Ewen, 1991: 45; ver também Deagan, 1983: 119-20; 2002a: 34). Assim, espera-se que a louça cerâmica mostre pouca influência indígena. Em contraste, itens originados na cozinha, como cerâmicas utilitárias e a própria comida, são categorizados como associados a atividades femininas de baixa visibilidade (privadas), e, portanto, nelas espera-se encontrar grande influência indígena. Porém a própria refeição doméstica justapõe essas categorias aparentemente diferentes. Seguindo essa lógica dualista, um prato de louça era um objeto de *status* colonial relacionado ao prestígio masculino, mas a comida nele servida era associada ao feminino, marcadamente influenciada pela cultura aborígine e não socialmente visível. O mobiliário da refeição – a mesa e as cadeiras – eram objetos coloniais socialmente visíveis, assim como era a construção na qual a alimentação era servida e consumida, mas as atividades domésticas que ocorriam dentro da casa eram de baixa visibilidade, associadas às mulheres e provavelmente expressões culturais indígenas. Na prática vivida, categorias arqueológicas aparentemente distintas eram inseparavelmente emaranhadas entre si.

Masculino/Feminino

O padrão de Saint Augustine enfatiza relações heterossexuais entre homens colonizadores e mulheres indígenas enquanto mecanismo central que suportou transformação cultural. Para analisar essas relações, artefatos foram atribuídos para atividades categorizadas como masculinas ou femininas. No entanto, a divisão da vida social colonial ou indígena e a cultura material nos âmbitos distintos femininos e masculinos não é amparado pela pesquisa etno-histórica. Além disso, um modelo unitário de relações de gênero falha por não levar em conta a diversidade de gênero contextos em coloniais multiculturas.

Diferenças culturais em ideologias de gênero e práticas generificadas eram, com frequência, nós centrais de conflito entre populações colonizadas e colonizadoras. (McClintock, 1995; Voss, 2000; Stoler, 2002; Nagel, 2003). A colonização espanhola do circum-Caribe central não foi exceção. No final da Idade Média e início da Era Moderna na Espanha as mulheres eram obrigadas a serem contidas, devotas e castas (McEwan 1991: 33). Espanhóis emigrando para as Américas “trouxeram com eles a crença fundamental na

inferioridade das mulheres e a noção de que estas eram submissas aos homens (Gasco, 2005: 94)". Ideologias da elite poderosamente associaram mulheres com a vida doméstica, e os códigos legais espanhóis faziam com que a maioria delas dependesse economicamente dos homens. No entanto, mulheres espanholas, independentemente de estarem na Espanha ou nas Américas, nem sempre concordavam com essas condenações e estavam frequentemente envolvidas no comércio, trocas, política e agricultura. (McEwan, 1991; Kellogg, 1995; Stern, 1995; Jamieson, 2000; Gasco, 2005).

Os sistemas de gênero nativo americanos variavam consideravelmente dentre as tribos. Muitas culturas nativo americanas, incluindo aquelas em Hispaniola e La Florida, tinham mais de dois gêneros. (Troccoli, 1992; Trexler, 1995). Estudos de gênero e colonização nas Américas não podem assumir que os gêneros relevantes incluem somente "homens" ou "mulheres". Além da variação no número de gêneros, os papéis associados a cada gênero com frequência diferiam significativamente. Em Hispaniola, relações de gênero dentre os Taíno foram descritas como igualitárias e não exclusivas. Mulheres Taíno possuíam propriedades, eram caciques e líderes rituais, além de organizarem a maior parte do trabalho de subsistência (Deagan & Crucent, 2002b: 31–32; Deagan, 2004). Em La Florida, os povos Timucua, nos arredores de Saint Augustine, se organizavam em clãs matrilineares; mulheres, assim como homens, eram líderes tribais, curandeiros e xamãs, e todos os gêneros participavam na pescaria, agricultura e preparação alimentícia (Troccoli, 1992: 98). Arqueólogos ainda não consideraram como sistemas de gênero africanos contribuíram para as interações culturais nas Américas espanholas. Em outros contextos norte-americanos a História e Arqueologia foram disciplinas capazes de proporcionar uma complexa imagem de papéis de gênero dentre comunidades fruto da diáspora africana escravizadas e libertas (*e.g.*, Wilkie, 2000; Franklin, 2001; Galle & Young, 2004; Leone, LaRoche & Babiarz, 2005). Essa diversidade nos sistemas de gênero da diáspora africana provavelmente também ocorreu nas populações africanas nas Américas espanholas.

Há tempos arqueólogos que estudam populações Circum-caribenhas identificam diferenças culturais em papéis de gênero, ideologias e práticas, mas o reconhecimento da complexidade dos sistemas de gênero não tem sido traduzido em termos de metodologias arqueológicas. Em vez de tratá-lo enquanto uma categoria estável de análise, nós deveríamos buscar uma melhor compreensão de gênero enquanto uma arena de conflito e negociação política e socialmente enviesada, em assentamentos na Espanha colonial.

Público/Privado

A distinção entre aspectos públicos e privados da vida cotidiana é relacionada com a definição de Binford (1962) acerca de atributos sociotécnicos da cultura material. Em vista do padrão de Saint Augustine, pesquisadores focaram nesses atributos sociotécnicos que poderiam comunicar *status* econômico ou identidade étnica, levando à categorização de algumas atividades enquanto "socialmente visíveis". A diferença entre alta ou baixa visibilidade social gerou uma divisão generificada entre vida pública e doméstica, de modo que as atividades mais socialmente visíveis são atribuídas aos homens, enquanto as menos visíveis são referidas às mulheres.

No entanto, vários pesquisadores têm questionado a separação entre vida pública e privada nas Américas espanholas através da importância da família no comércio e na política (por exemplo, Stern, 1995; Jamieson, 2000, 2005) e examinando políticas e instituições que regularam os detalhes mais íntimos e

mundanos da vida cotidiana (por exemplo, Voss, 2008a). Em Saint Augustine, o domínio privado da vida social era espacialmente delineado através de lotes cercados e bem delimitados (Bond, 1995: 212). Todavia, atividades femininas não eram sempre contidas dentro dos espaços privados e de baixa visibilidade, tampouco homens agiam apenas em espaços públicos de alta visibilidade. Metodologias arqueológicas precisam de reconhecer formas que um artefato possa ser um aspecto da produção e consumo, público e privado, feminino e masculino (Rotman, 2006).

Colonial/Indígena

O binarismo inicial entre espanhóis/hispânicos e nativos americanos bem como colonos/indígenas é agora mais comumente articulado como divisão entre “europeus” e “não europeus”, de modo a incluir influências culturais africanas. O padrão de Saint Augustine postula que a característica definidora das Américas espanholas era uma forma generificada particular de mistura cultural entre europeus e não europeus, na qual homens e aspectos públicos da vida social permaneceram conservativamente coloniais, contendo, assim, aculturação, sincretismo e mestiçagem dentro do domínio privado, feminino da preparação de alimentos e da vida doméstica.

No entanto, as populações rotuladas como europeias, nativas americanas e africanas no circum-Caribe eram internamente heterogêneas. A própria Espanha, uma nação recentemente consolidada no início da colonização americana, era linguisticamente e racialmente diversa, incluindo povos ibéricos, fenícios, celtas, gregos, romanos, judeus, além de heranças norte-africanas. As populações coloniais eram recrutadas não apenas dessa mistura, mas também das Ilhas Canárias, que supriram uma significativa quantidade da população de Saint Augustine. Com o tempo, a população colonial se tornou cada vez mais natural das Américas. Em Saint Augustine esse número chegou a cerca de 70% no século XVIII, incluindo *criollos* de Cuba e da Nova Espanha, assim como os colonos nascidos na Florida. Um número desconhecido de colonos *criollos* eram de uma ancestralidade mista europeia e indígena, uma vez que as leis raciais da Espanha colonial reconheciam algumas pessoas de descendência mista legalmente como europeus. Havia também um pequeno número de outras nacionalidades europeias, principalmente franceses, britânicos e irlandeses (Deagan, 1983: 30-34). Africanos e mulatos representavam uma ampla variedade étnica e diferentes afiliações nacionais, incluindo Mandinga, Fara, Arara, Congo, Calabari, Mina, Gamba, Samba, Ganga, Lara e Guiné. Os africanos trabalhavam como soldados, e empregados coloniais poderiam ser considerados colonos, mas a maioria dos africanos em Saint Augustine eram escravizados (Landers, 1999: 49). Nativos americanos, incluindo não menos que nove distintos grupos tribais (Timucua, Guale, Apalachee, Jororo, Takesta, Yamasee, Chilcua, Pojois e Costa), ocuparam de maneira similar várias posições em relação ao empreendimento colonial. Aqueles que viviam na cidade em si eram listados como parte da população colonial, mas a maioria habitava vilas nativas e segregadas ou ainda eram recrutados pelo exército colonial.

Claramente, os próprios habitantes de Saint Augustine viam seu mundo social de maneiras mais complexas que o binarismo colonizador/colonizado permite: nós não saberíamos tanto quanto sabemos acerca da ampla variedade racial, nacional e de identidades étnicas em Saint Augustine se essas distinções não tivessem contido significados culturais para as comunidades que lá residiam. Quando, no desenvolvimento do projeto colonial, africanos e nativos são levados em conta juntamente com pessoas de diferentes raças, nações e heranças étnicas, torna-se cada vez mais difícil distinguir a tênue linha entre colonizador e colonizado. A

arqueologia dos assentamentos coloniais deve buscar revelar, em vez de mascarar, a rica diversidade e profunda ambiguidade da vida social nas Américas espanholas.

EVIDÊNCIAS: O AJUSTAMENTO ENTRE DADOS E HIPÓTESES

Essa seção reavalia o padrão de Saint Augustine ao examinar seis tópicos: casamentos interracialiais, planejamento urbano, arquitetura, cerâmicas de mesa, cerâmicas utilitárias e dieta.

Casamentos Interracialiais

Arqueólogos que estudam a Espanha colonial circum-caribenha têm reconhecido cada vez mais que mulheres indígenas e africanas entraram em ambientes domésticos como servas, escravas e concubinas bem como através do casamento. Ainda assim, articulações recentes do padrão de Saint Augustine continuam enfatizando o casamento inter-racial como central para a formação da cultura hispano-americana: “casamento inter-racial e relações consensuais entre espanhóis (principalmente homens) e indígenas e africanas (principalmente mulheres) formaram uma dinâmica crucial ao criar, transformar e estabilizar as cercanias das colônias hispano-americanas” (Deagan, 2003: 8).

O casamento inter-racial nas Américas espanholas era uma prática colonial contestada. A coroa espanhola encorajava a elite colonizadora a usar o casamento como ferramenta para forjar alianças estratégicas com as lideranças indígenas. Inicialmente, casamentos também eram incentivados entre homens que não pertenciam à elite colonial e mulheres nativo americanas e africanas. No entanto, em 1514 a coroa ordenou que mais mulheres espanholas fossem transportadas às colônias americanas com o objetivo de diminuir os casamentos inter-raciais (Morner, 1967: 26–27). A Política da Unidade Doméstica [*The Policy of Domestic Unit*] (1620) e A Real Pragmática [*Royal Pragmatic on Marriage*] (1772) também desencorajavam casamentos inter-raciais. A implementação dessas políticas variava consideravelmente, mas, através do tempo, casamentos inter-raciais eram vistos de maneira menos favorável pelo governo imperial.

Extensos documentos coloniais acerca de assentamentos circum-caribenhos sugerem que casamentos interracialiais eram menos comuns do que era suposto inicialmente⁷. Em Concepción de la Vega, os únicos documentos disponíveis são de 43 *encomenderos* (proprietários de terras que tinham direito de obter trabalho dos nativos). Dezenove desses eram casados, dez com mulheres nativas e nove com mulheres espanholas. (Deagan & Crucent, 2002^a: 276-77). Em Puerto Real havia 35 *encomenderos*, dos quais cinco são registrados como casados, três com mulheres espanholas e dois com indígenas (Hodges & Lyon, 1995: 86-88) Em Santo Domingo, de 689 homens espanhóis, 107 eram casados com mulheres espanholas e 64 com mulheres indígenas. (Morner, 1967: 26). Enquanto esses números sugerem que o casamento inter-racial contabiliza algo entre 37% e 51% dos casamentos registrados no século XVI em Hispaniola, a esmagadora maioria dos homens coloniais, até os da elite, permaneceram solteiros.

⁷O grau em que as paróquias e os censos representam registros precisos demográficos da era colonial depende do local dessas práticas, preservação de registros coloniais e tamanho da amostra. A partir dessas considerações, esses documentos são amplamente usados por historiadores das Américas espanholas para mapear tendências demográficas (incluindo misturas raciais) tanto em populações coloniais quanto indígenas. O casamento interracial e as taxas de natalidade apresentadas aqui são retiradas de publicações anteriores. Para Saint Augustine, Deagan (1983: 103) nota que alguns casamentos interracialiais e batismos de descendência racial mista provavelmente aconteceram na paróquia da noiva, mas que infelizmente os registros da igreja de missões em vilas não são mais existentes.

Saint Augustine fornece uma evidência demográfica mais compreensiva. Registros de nascimento, casamento e censos sugerem que casamento interracial não era comum durante fins do século XVI e durante o século XVII e aumentou timidamente somente durante o século XVIII. Entre 1625 e 1635, apenas dois dos 235 nascimentos (1%) foram listados como sendo de misturas entre ascendências espanhóis e indígenas ou espanhóis e mestiços. Durante 1700-1710, 12 dos 386 nascimentos (3%) foram listados como racialmente mistos. Em meados do século XVIII (1735-50), 36 dos 1470 nascimentos (2%) eram uma mistura de espanhóis e indígenas. Durante o mesmo período, 71% dos casamentos era entre *criollos* e peninsulares; 18% entre negros; e 11% entre espanhóis e indígenas (Deagan, 1974: 23–24; 1983: 34). Somente 5% daqueles listados no censo de 1763 eram racialmente mistos (Deagan, 1983: 30). Os documentos existentes indicam que a comunidade colonial de Saint Augustine geralmente praticava padrões de casamentos racialmente endogâmicos. Em Hispaniola e Saint Augustine, se mulheres nativas americanas e africanas estavam geralmente residindo em habitações coloniais, isso acontecia através do concubinato, servidão e escravidão. O trabalho delas pode ainda ter contribuído para formação da cultura crioula, mas ambientes domésticos coloniais provavelmente foram locais de luta e subordinação ao lado de relações consensuais.

Planejamento urbano

No padrão de St. Augustine o planejamento da cidade é interpretado como uma expressão masculina, de identidade espanhola. Depois de La Navidad e La Isabela (que seguiram o arranjo espacial medieval), quase todos os assentamentos da Espanha colonial foram estruturados seguindo uma grade padrão, que consistia em uma praça principal, formando o centro físico e social da cidade. Construções, tais como igrejas, escritórios administrativos e quartéis militares, ficavam situados na praça com seus residentes nos quarteirões adjacentes. Esse molde dos assentamentos espanhóis coloniais foi formalizado pelas regulações reais [*Royal regulations*] e emitido em 1573 (Crouch, Garr & Mundigo, 1982).

A influência cultural que contribuiu para o projeto da cidade hispano-americana é amplamente debatida. Na Espanha, municípios e cidades continuaram sendo “comunidades medievais labirínticas” até fins do século XIX (Weber, 1992: 320). Uma exceção notável é o sítio militar da cidade de Santa Fé que foi construída no ano de 1542, pelas ordens do rei Ferdinand e da rainha Isabela durante a campanha da reconquista contra Granada (Reps, 1992: 12). Na formulação de novas cidades imperiais na Espanha e nas Américas acredita-se que a coroa espanhola foi influenciada pelos ideais renascentistas racionais e simétricos, além de precedentes históricos Romanos e Mouros (Bond, 1995: 101–26; Crouch, Garr & Mundigo, 1982; Deagan, 2001: 191). Low (1995) argumentou que não foi dada atenção suficiente para a influência nativa americana. Em Hispaniola os Taínos moraram em grandes cidades (com até 1,000 casas) organizadas em volta de praças, alinhadas pelas residências da elite e estruturas religiosas (Deagan & Crucent, 2002b: 33). No México central, conquistadores espanhóis encontraram Tenochtitlan e Cholula - duas das mais extensas cidades do mundo na época. Estas cidades apresentaram sistemas rodoviários complexos e distritos centrais, nos quais praças retangulares extensas eram alinhadas pelos templos, construções administrativas e residências da elite. Low (1995: 758) conclui que “deve ser interpretada em termos de ambas as tradições arquitetônicas espanholas e indígenas de design urbano”. Ao atribuir o plano da cidade colonial exclusivamente para homens coloniais, exclui-se a consideração de gênese sincrética de novas paisagens sociais nas américas espanholas.

Arquitetura

Assim como no planejamento urbano a arquitetura no padrão de St. Augustine era um tipo de visibilidade social e de domínio masculino na vida social. Ironicamente, o sítio Maria de la Cruz, que serviu como o primeiro estudo de caso para o padrão de Saint Augustine, era de propriedade de uma mulher Guale (Deagan, 1974, 1983). O fato de existir mulheres donas de terras era comum em Saint Augustine (Bond, 1995: 168-74) e algumas dessas, incluindo Maria de la Cruz, podem ter tido interesses em projetos de arquitetura em suas propriedades, entretanto os restos estruturais da casa de Maria de la Cruz são caracterizados como “evidência primária de atividade masculina no sítio.” (Deagan, 1983: 108).

Definir o que é a “construção espanhola” é um desafio para a análise arquitetônica. Existia uma incrível variabilidade regional nas primeiras residências espanholas modernas. Os residentes que não faziam parte da elite viviam em casas com um ou dois cômodos feitos com materiais locais adaptados para os climas da região. Talvez a única coisa comum era a proeminência de casas quadradas ou retangulares (ao invés de arredondadas) com telhado de duas águas (Feduchi, 1974: 7–9). Estudos em arquitetura documentaram diversidades arquiteturais em Hispaniola e La Florida. Em La Isabela construções públicas foram feitas com pedra de alvenaria ou taipa e telhas. As residências dos colonos eram cabanas retangulares com um único quarto, feitas de palha de palmeira e madeira (Deagan & Crucent, 2002a: 80, 97–122, 133–38). Em Concepcion de la Vega o forte e a igreja foram construídos com taipa e tijolos de alvenaria (Deagan & Crucent, 2002a: 276). Construções em Puerto Real exibiam uma considerável diversidade em técnicas de construção. A igreja era uma construção de alvenaria emparelhada com uma capela ao ar livre coberta de palha, que foi descrita como “uma distinta adaptação para o ambiente do Novo Mundo e uma adição única para o repertório arquitetônico da igreja católica” (Willis, 1995: 143). Um centro comercial e industrial era construído em fases, através da utilização de alvenaria, paredes de madeira e pau a pique (Deagan & Crucent, 2002a: 80, 97–122, 133–38). As estruturas residenciais aparentemente foram construídas com vários recursos, como tijolo, cimento, telhas, pedra, gesso, conchas e coral (Marrinan, 1995: 190; McEwan, 1995: 202–3). A arquitetura de St. Augustine é convencionalmente dividida em dois principais períodos. Antes de 1702, a maioria das casas eram de pau a pique, madeira e palha de palmeira. De 1702 em diante, a maioria das residências eram variantes do que Manucy (1962) chama de projeto de Saint Augustine, que adaptou uma casa de um cômodo para o clima local adicionando uma varanda protegida e uma parede norte sem janelas, isso protegia o interior da casa de ventos frios. Manucy conclui que “Embora o estilo [construtivo] de Saint Augustine se assemelhe com o espanhol, este tem sua característica própria.” (Manucy, 1962: 12). Em particular, o uso de palha de palmeira e de pau a pique era distintamente original, e a disseminação e uso do concreto *tabby* devem ter origens espanholas e africanas (Bond, 1995: 224–26).

Em geral, no circum-Caribe havia uma considerável variação nos estilos construtivos entre e nos assentamentos. Enquanto Deagan (1996: 146) pode estar correto que não há evidência direta da adoção da arquitetura tradicional nativa americana nas cidades espanholas, também é evidente que as construções coloniais nas Américas não são réplicas diretas da arquitetura Ibérica, de modo que elas frequentemente incorporaram materiais e técnicas nativas americanas e africanas. A arqueologia da arquitetura também destaca questões de trabalho na interpretação arqueológica. Em Saint Augustine, a construção de residências privadas e prédios públicos dependia da recruta e do trabalho de nativos americanos e escravos africanos.

Dessa perspectiva, O Castilho de San Marcos pode ser o mais extenso artefato associado a africanos e nativos na La Florida colonial.

Cerâmicas de mesa

Cerâmicas têm sido um ponto focal de estudos arqueológicos nas Américas espanholas. Assentamentos espanhóis se distinguem daqueles britânicos ou franceses devido a uma alta frequência de cerâmica, que abrangem um total de 90 a 97% do somatório de artefatos encontrados (Deagan, 1983: 232; South, 1988). Imagens da maioria dos tipos de cerâmica discutidos abaixo podem ser encontradas no site do *Historical Archaeology Digital Type Collection* (http://www.flmnh.ufl.edu/histarch/gallery_types/type_list.asp). Cerâmicas associadas à alimentação em assentamentos coloniais espanhóis são normalmente divididas em duas categorias funcionais: cerâmicas utilitárias, usadas para preparação de comida e, portanto, associadas com atividades da cozinha; e cerâmicas de mesa, usadas durante o consumo alimentício e ligadas com o ato de jantar. Dentro do padrão de Saint Augustine essa divisão funcional tem conotações raciais e generificadas: o jantar, como discutido acima, é uma atividade socialmente visível que envolve homens e mulheres, enquanto o preparo da comida é uma tarefa de baixa visibilidade feminina. Foi então assumido que, como resultado do casamento inter-racial e do desejo de famílias por uma ascendente mobilidade social, as cerâmicas de mesa exibiriam uma forte influência espanhola, enquanto as utilitárias, uma maior influência indígena (Deagan, 1983: 105; Ewen, 1991: 45).

No entanto, nem todos – ou pelo menos a maioria – das cerâmicas de mesa encontradas em domicílios são “espanholas”, seja devido ao local de manufatura ou à expressão cultural. Muitas culturas nativas produziam finas cerâmicas para uso na apresentação do alimento, serviço e consumo. Ceramistas coloniais estabeleceram workshops em muitas partes das Américas. Em La Isabela, mais de 70% dos vasos de cerâmica “europeus” encontrados em sítio eram feitos localmente (Deagan & Crucent, 2002b: 140). Por volta de 1540, a maioria da majólica (cerâmica *earthenware* com *glasura*) em Nova Espanha era produzida em oficinas americanas que fundiam tecnologias de pasta e *glasura* europeias e formatos de vasos com motivos indígenas, sincréticos e recém-desenvolvidos (Goggin, 1968; Lister & Lister, 1974; Deagan, 1987). *Glasura* de chumbo e a roda do ceramista eram ambas amplamente adotadas na produção de cerâmicas que continuaram a usar receitas de pasta, técnicas de queima e motivos decorativos pré-colombianos (Caywood, 1950; Barnes, 1980; Charlton & Fournier, 1993; Voss, 2002: 668–76). A colonização espanhola também levou a “estimulação e elaboração” (Charlton & Fournier, 1993: 211) de algumas tradições cerâmicas indígenas, talvez em resposta ao desejo colonial por consumo de tais cerâmicas. (Charlton & Fournier, 1993; Rodríguez-Alegría, 2005a, 2005b). Como consequência, cerâmicas de mesa produzidas nas américas espanholas rapidamente divergiram daquelas feitas na Espanha, as quais continuaram a exibir traços medievais e mouros significativos, que não eram amplamente encontrados nas cerâmicas produzidas nas Américas (McEwan, 1992). Adicionalmente, recentes pesquisas arqueométricas demonstram que as redes de produção e distribuição cerâmica nas Américas espanholas eram bem mais complexas e multifacetadas do que previamente percebido (por exemplo, Rodríguez-Alegría, Neff & Glascock, 2003; Jamieson & Hancock, 2004). Dividir as cerâmicas de mesa entre categorias europeias/espanholas/hispânicas e não europeias/indígenas obscurece a rica diversidade de produção e consumo desse bem nas Américas espanholas (Fournier-Garcia, 1997).

Uma nova análise de dados cerâmicos dos sítios domésticos *criollo* em *de Hita* e *mestizo* em *de la Cruz*, em Saint Augustine, ilustra esse argumento (tabela 1). Majólica produzida na Nova Espanha, por exemplo, abrange 40,1% e 43,3%, respectivamente, dos vestígios cerâmicos recuperados dos sítios *de Hita* e *de la Cruz*. Cada conjunto também inclui baixas frequências de vestígios preto em laranja Aztec IV [*Aztec IV black-on-orange sherds*], um tipo cerâmico que floresceu na Nova Espanha central durante os séculos XVI e XVII (Charlton, 1976; Charlton & Fournier, 1993), juntamente com outras cerâmicas, tais como *Mexican Red Film*, *El Morro*, e *Rey*. As casas de Saint Augustine também continham altas frequências de cerâmicas de mesa europeias não espanholas obtidas em trocas com colônias britânicas e mercadores privados. Em contraste, apenas 1.9% das cerâmicas de mesa *de Hita*, e nenhum de *de la Cruz*, foi ligado à Espanha.

Essa nova análise chama atenção a duas categorias “medianas” de cerâmicas de mesa: aquelas manufaturadas em Nova Espanha e aquelas produzidas em países europeus que não a Espanha, que, juntas, compreendem a vasta maioria de cerâmicas nos sítios domésticos *de Hita* e *de La Cruz* (73% e 89%, respectivamente). A onipresença dessas categorias “medianas” forneceu interessantes pontos de entrada na materialidade do império nas Américas espanholas coloniais. Aquelas produzidas em países europeus que não a Espanha, provocaram questões sobre o entrosamento espanhol com outros poderes europeus e acerca da articulação entre sistemas de troca em macroescala, com padrões locais de consumo doméstico. Cerâmicas de mesa produzidas nas Américas apontam para perguntas similares sobre a distribuição e consumo, juntamente com questões a respeito do sincretismo cultural na produção artesanal. Ao não categorizar as cerâmicas como ou espanholas ou nativas americanas, essas cerâmicas podem ser analisadas para um melhor entendimento da complexa interação entre materiais locais e introduzidos, técnicas, tecnologia e estilos.

Tipo cerâmico e local de manufatura ^a	Frequência <i>de Hita</i> (%)	Frequência <i>de la Cruz</i> (%)
Earthenwares hispânicas:		
Nova Espanha	0.0 ^b	0.9
Desconhecido	0.0 ^b	0.0 ^c
Majolica:		
Espanha	1.9	0.0
Nova Espanha	40.1	43.3
Desconhecido ^d	23.9	9.3
Cerâmicas europeias não-espanholas:		
Europa	33.0	44.9
Porcelana:		
Europa	0.4	0.7
Ásia	0.4	0.9

^a Os locais de manufatura cerâmica foram acessados através do site do Historical Archaeology Digital Type Collection, desenvolvido pelo Museu de História Natural da Flórida (http://www.flmnh.ufl.edu/histarch/gallery_types/).

^b O sítio doméstico de Hita revelou 519 fragmentos de earthenwares com glazura de chumbo, polidas ou queimadas (El Morro, Rey ware, Mexican red film, e Aztec IV) que foram frequentemente encontradas na forma de cerâmicas de mesa, mas não foram incluídas na análise de Shephard's (1983).

^c Na nova análise de dados apresentados por Deagan (1983, tabelas 6.2, 6.8), não foi possível discernir se havia alguma cerâmica de mesa nessa categoria.

^d Majolicas de locais desconhecidos incluem aquelas listadas como “majolica branca”, que poderiam ter sido manufaturadas ou na Espanha ou na Nova Espanha; “cerâmica marinha”, uma majolica também de origem indeterminada; e majolicas listadas como “não classificadas”. Destas, a “majolica branca” representa a vasta maioria.

Tabela 1: Locais de manufatura de cerâmicas de mesa dos sítios domésticos *de Hita* e *de la Cruz*, em Saint Augustine.

Fontes: Shephard 1983, 77, 88; Deagan 1983, 113–14, 120.

Cerâmicas Utilitárias

Se a cerâmica de mesa é geralmente descaracterizada como sendo “espanhola”, isto não acontece com a cerâmica utilitária de cozinha, que tem servido como índice primário da influência de mulheres nativas americanas e africanas nos assentamentos coloniais espanhóis. No entanto, será que os utensílios utilitários encontrados em assentamentos circum-caribenhos se “encaixam” na categoria de cultura material indígena e/ou africana? E será que a presença em lares coloniais de peças utilitárias localmente produzidas foi resultado da presença de mulheres americanas nativas e africanas nestas famílias?

A cerâmica utilitária localmente produzida varia grandemente entre sítios coloniais espanhóis e dentro desses sítios. A atribuição cultural dessas peças é, portanto, uma questão complicada (Hauser & De-Corse, 2003). Em La Isabela, a maior parte da cerâmica utilitária era produzida no próprio assentamento, mas elas mostravam pouca ou nenhuma influência indígena ou africana e eram similares àquelas usadas na Espanha medieval (Deagan & Cruxent, 2002a: 173). Em assentamentos coloniais posteriores, em Hispaniola, a cerâmica utilitária localmente produzida divergia significativamente daquela usada na Espanha (McEwan, 1992). Em Concepción de la Vega, um tipo de utensílio local chamado cerâmica indo-hispano exibe traços decorativos característicos de cerâmica indígena no Panamá e outras partes da América Central e incluem formas de vasos tanto europeias quanto centro-americanas. Acredita-se que esses utensílios tenham sido manufaturados em oficinas de missões, por americanos nativos escravizados levados a Hispaniola no início dos anos 1500 (Deagan, 1988, 2002b). Em Puerto Real, cerâmica localmente produzida constitui aproximadamente 60%-75% da cerâmica utilitária encontrada em áreas residenciais (McEwan, 1995: 210-11, 216-18). Durante as duas décadas iniciais de colonização, eram primariamente Cerâmica Plana Não identificada, que era “diferente da cerâmica tradicional indígena. . . provavelmente uma manufatura colonial ou multiétnica. . . não teria sido surpreendente ter havido responsabilidade de manufatura em, literalmente, muitas mãos diferentes” (Smith, 1995: 348). Começando nos anos 1520, a cerâmica plana não identificada foi substituída por cerâmicas planas Christophe, que são historicamente associadas com africanos escravizados (Smith, 1995: 335). Em Puerto Real, a cerâmica utilitária localmente produzida reflete assim “quebras na cultura tradicional indígena e na transmissão de técnicas de manufatura cerâmica, na influência de padrões econômicos e preferências por cerâmica espanholas, e a mudança do trabalho escravo indígena para africano”. (Smith, 1995: 338-39).

Em Saint Augustine, a cerâmica aborígine localmente produzida consiste predominantemente de cerâmicas São Marcos, que são historicamente associadas com Guales: convertidos que foram relocados para Saint Augustine no início dos anos 1680 (Merrit, 1983: 134). Cerâmicas São Marcos se desenvolveram em meados do século XVII a partir da cerâmica pré-histórica da fase Irene e mostram tanto continuidade quanto diferenças das tradições da cerâmica Guale pré-colonial. Em particular, desenhos estampados fortes e retilíneos substituíram estilos curvilíneos, junto com mudanças na forma da borda e nas técnicas de acabamento superficial (Saunders, 2000: 11). Adicionalmente algumas cerâmicas de San Marcos exibem adaptações às preferências coloniais por meio de modificações na forma das vasilhas, por exemplo a adição de cabos e anéis na base junto com formas de prato e prancha (Deagan, 1974: 79-83). Saunders (2001) conclui que a cerâmica San Marcos exemplifica uma “tradição negociada” através da qual os Guale podiam adaptar-se a demandas coloniais enquanto mantinham uma forte identidade indígena. Como isto e a cerâmica de

Hispaniola indicam, as tradições das cerâmicas espanhola, americana nativa e africana podem coexistir com sincretismo e inovação.

A cerâmica localmente produzida abrange a grande maioria de utensílios utilitários em famílias coloniais espanholas no circum-Caribe (Deagan, 1983; Shephard, 1983; South, 1988; Ewen, 1991; McEwan, 1995; Smith, 1995). Enquanto isto é geralmente interpretado como evidência de influência cultural exercida por mulheres não-europeias vivendo em lares coloniais, utensílios localmente produzidos são encontrados abundantemente em famílias coloniais, independentemente da composição familiar. A ubiquidade da cerâmica localmente produzida aponta na direção de relações de produção e distribuição operando para além do nível familiar. Em Hispaniola, oficinas organizadas de cerâmica foram desenvolvidas em La Navidad e La Isabela. Em Puerto Real, a sucessão de tipos de cerâmica indica que era a composição geral da força de trabalho colonial (de Taínos, para centro-americanos escravizados, para africanos escravizados), mais do que a composição familiar, que determinava quais utensílios seriam usados nas cozinhas coloniais. Em Santa Elena, a cerâmica localmente produzida encontrada dentro do forte colonial era obtida como tributo exigido das vilas indígenas próximas (South, 1988). Em Saint Augustine, pouco se sabe a respeito da produção e distribuição da cerâmica dos Guale, exceto que ela estava rapidamente disponível nos mercados de Saint Augustine e acessível para compra por todas as famílias, não apenas aquelas que incluíam mulheres indígenas.

Esta análise da cerâmica utilitária não pretende menosprezar os modos pelos quais os colonos foram transformados através de seu envolvimento com americanos nativos e africanos. Mais do que isso, ela reexamina a escala na qual tais envolvimento ocorreram. A onipresença e abundância de utensílios localmente produzidos em todas as famílias coloniais sugerem que foram a economia das comunidades coloniais e as relações de trabalho com as comunidades tribais, vilas de missões e populações escravizadas e recrutadas de americanos nativos e africanos que promoveram a incorporação desses bens nas famílias coloniais.

Dieta

Como ocorria com a cerâmica utilitária, o padrão de Saint Augustine classificava a produção de alimentos como uma “atividade de baixa visibilidade associada a mulheres” (Deagan, 1983: 105), que foi transformada através da influência de mulheres indígenas e africanas vivendo nas famílias coloniais. Esperava-se assim que a dieta colonial espanhola mesclasse elementos indígenas, africanos e europeus, com elementos aborígenes e/ou africanos, tendo assim uma maior influência nas famílias mistas (Deagan, 1983: 123). A evidência inicial para isso veio de escavações do lote de casas de *de La Cruz* em Saint Augustine, que tinha uma grande diversidade de fauna não-domesticada e se apoiava mais em espécies pantaneiras e de estuário do que famílias *criollo* e peninsulares (Deagan, 1983: 122-23; Reitz & Cumbaa, 1983). Contudo, como discutido anteriormente, estudos zooarqueológicos e arqueobotânicos descobriram que fatores ambientais e macroeconômicos foram determinantes primários na composição da dieta colonial (Reitz & Cumbaa, 1983; Reitz, 1992; Reitz & McEwan, 1995). Aqui, eu considero duas dimensões adicionais nas práticas alimentares coloniais espanholas: primeiro, a dificuldade de caracterizar comidas como coloniais ou indígenas e, segundo, a evidência arqueológica e documental sobre a produção, aquisição e distribuição de tais alimentos.

Espécimes botânicos e de fauna são geralmente classificados como indígena ou colonial determinando-se se uma fonte de alimento é local ou introduzida. Esta divisão nem sempre é direta. Por exemplo, alimentação marinha era um produto básico para os pobres urbanos na Espanha no final da Idade Média e início da Idade Moderna (Reitz & Cumbaa, 1983: 155-56). Uma vez que muitos colonizadores eram recrutados nas camadas mais baixas da população urbana, recursos marinhos locais disponíveis nos assentamentos coloniais espanhóis devem ter sido alimentos familiares que permitiram aos colonizadores continuar com práticas alimentares ibéricas. Ao mesmo tempo, espécies em particular podiam ter aparência e sabor incomuns. Recursos marinhos locais devem ter desempenhado um papel ambíguo na dieta colonial. Similarmente, a maioria dos animais domesticados eram recursos inteiramente novos para os nativos americanos, mas teriam sido fontes de alimento familiares para os africanos escravizados e libertos.

Adicionalmente, alguns recursos alimentares como milho eram simultaneamente locais e introduzidos. Em fins do século XV e no século XVI em Hispaniola e na Nova Espanha Central, o milho era um alimento local que rapidamente substituiu o trigo na dieta colonial. À medida em que a Espanha expandia suas colônias americanas, envios para assentamentos de fronteira como Saint Augustine incluíam quantidades consideráveis de milho (Deagan, 1983: 36). O milho, entretanto, era também produzido localmente, tendo sido introduzido em La Florida já em 200 d.C (Kelly, Tykot & Milanich, 2006). Espigas de milho encontradas em residências em Saint Augustine eram variedades do milho vítreo do sudeste caribenho, “o tipo de milho aborígine comum no sudeste dos Estados Unidos” (Shephard, 1983: 80). Para complicar mais o assunto, por volta de 1700, alguns colonizadores foram recrutados em Cuba e na América Central, onde o milho já era um recurso básico familiar na dieta colonial. Pilões e almofarizes importados da Nova Espanha e panelas de cerâmica manufaturadas localmente indicaram que algum milho era preparado em pratos no estilo da América Central em Saint Augustine (Shephard, 1983: 84; Deagan, 1998: 32).

Na maioria dos assentamentos espanhóis circum-caribenhos o suprimento de comida colonial dependia do trabalho americano nativo e africano. Em Saint Augustine, trabalho recrutado e tributos eram organizados primariamente através das missões e fornecia colheitas cultivadas (basicamente milho) e carne de bois e porcos domesticados para o assentamento militar. Esses alimentos eram processados nas missões e então transportados por terra das missões até Saint Augustine por portadores humanos, que, depois de chegar, eram novamente convocados para trabalhar no assentamento como trabalhadores agrícolas e de construção. Africanos escravizados também labutaram como trabalhadores agrícolas em campos de assentamentos. Nativos da Flórida também pescavam e caçavam para os colonizadores às vezes como empregados da companhia militar e outras vezes como serventes de famílias de elite (Deagan, 1983: 105; Milanich, 2006: 146-53).

Os estágios finais da preparação de alimentos ocorriam nas habitações coloniais, e esposas indígenas e africanas, serventes e escravos provavelmente faziam a maior parte desse trabalho. Contudo, naqueles assentamentos coloniais circum-caribenhos onde depósitos residenciais foram escavados, as semelhanças entre famílias coloniais de composição racial e *status* econômico variados são maiores que as diferenças (Reitz & Cumbaa, 1983; Reitz & Scarry, 1985; Reitz, 1992; Reitz & McEwan, 1995). A incorporação de comidas “locais”, qualquer que seja essa definição, na dieta colonial se apoiava em regimes de trabalho organizados numa escala muito maior do que a cozinha familiar.

DO CASAMENTO AO TRABALHO: UMA ALTERNATIVA METODOLÓGICA

Este artigo focou em três questões metodológicas na arqueologia do império. A primeira é a tensão entre generalização e particularidade: enquanto as Américas espanholas estavam estruturadas por políticas de escala global e instituições, a pesquisa arqueológica tem demonstrado considerável variabilidade através do tempo e espaço nas práticas do império. A segunda preocupa-se com a prática analítica comum de atribuir artefatos e atributos a categorias dualísticas (masculino/feminino, privado/público, colonizador/colonizado). Essa prática obscurece importantes “meios”, ocupados pelos objetos sincréticos e recém-desenvolvidos, substâncias e padrões espaciais. Em terceiro lugar, esse estudo é fundamentalmente preocupado com escalas de análise: como arqueólogos que estudam império podem melhor compreender as múltiplas escalas das relações sociais que resultaram e promoveram o movimento de propagação de bens e pessoas? No Caribe colonial espanhol, depósitos arqueológicos de habitações coloniais eram mais semelhantes do que diferentes, independentemente da composição racial ou de gênero. Elas compartilham a preponderância de bens localmente produzidos, incluindo materiais construtivos, alimentos e cerâmicas, o que diferencia as habitações coloniais de suas contrapartes na Espanha. A onipresença a abundância de bens produzidos localmente nas habitações coloniais aponta para relações de produção, distribuição e trabalho de meso e macroescala.

O foco no trabalho fornece uma abordagem para resolver essas preocupações metodológicas. A consideração de relações de trabalho proporciona um ponto de entrada para a variabilidade interna dos impérios, uma vez que práticas trabalhistas diferiram consideravelmente através do tempo e de regiões, incluindo demanda de tributos, recrutamento, salário remunerado, escravidão, agricultura mercantil e produção de artesanatos. Relações de trabalho estão ligadas a outras instituições coloniais, incluindo aquelas militares, religiosas, mercantis e burocráticas. O trabalho opera simultaneamente ao longo de múltiplas escalas: “ele agrupa, enquanto simultaneamente divide comunidades locais, produtores físicos e mecanizados, mercados regionais e consumidores mundiais” (Silliman, 2006: 147). O foco no trabalho também recusa uma simplificação demasiada das relações de poder coloniais em uma dicotomia indígena/colonial, já que alguns colonos europeus e outros americanos também se dedicaram à produção artesanal, ao exército, agricultura, extração e comércio. Silliman (2006: 148) nota que uma ênfase no trabalho fornece uma ponte metodológica entre arqueologia dos assentamentos coloniais e a arqueologia da era colonial de comunidades indígenas e africanas.

A pesquisa arqueológica em três presídios em La Florida - Santa Elena, St. Augustine, and Santa Maria de Galve – indica que essas vizinhanças talvez sejam uma das escalas mais promissoras de análise arqueológica para entender a articulação entre os regimes de trabalho colonial e as práticas residenciais. Em Santa Maria del Galve, diferenças significativas em conjuntos residenciais foram encontradas entre as zonas intra e extramuros do forte, além dos três blocos do quartel que eram ocupados por diferentes patentes (Bense, 2003). Em Santa Elena, cerâmicas localmente produzidas encontradas dentro do forte diferem daquelas recuperadas de residências civis fora do mesmo (South, 1988). Em Saint Augustine, comparações entre a cidade colonial murada, a vizinhança africana de Mosé e os assentamentos das vilas nativas revelaram importantes diferenças no consumo de cerâmicas locais, cerâmicas importadas e carne domesticada (Reitz, 1994; Deagan & Landers, 1999: 272–73).

O trabalho doméstico – trabalho na microescala – deve continuar a ser uma importante dimensão da pesquisa arqueológica em assentamentos coloniais. Situando o trabalho doméstico em relação às práticas trabalhistas de macro e mesoescala, surgem novas questões acerca das habitações enquanto bases fundamentais da colonização. Quais aspectos da produção, obtenção e processamento eram cumpridos fora das habitações e quais eram realizados no ambiente doméstico? Em que grau o trabalho doméstico era institucionalizado por políticas governamentais e religiosas que permitiam a escravidão e servidão de contrato ou promoviam o concubinato e o casamento como soluções ao “problema” do trabalho doméstico? Compreender as interrelações entre o último e os regimes de trabalho institucional ajudará arqueólogos a identificarem claramente esses atributos em conjuntos habitacionais que eram mais diretamente afetados por fatores de microescala, como a composição da casa.

Uma abordagem multiescalar para a arqueologia do trabalho também permite arqueólogos aplicar *insights* do padrão de Saint Augustine a investigações contínuas da colonização e suas conseqüências. Por exemplo, as diferenças observadas entre assentamentos britânicos e espanhóis coloniais no sudeste norte-americano podem, na verdade, ser melhor explicados através de uma pesquisa comparativa multiescalar que inclui sistemas econômicos e de trabalho bem como a composição habitacional. Rothschild (2003) e Lightfoot (2005) fornecem exemplos de tais metodologias nos seus estudos comparativos de empreendimentos coloniais holandeses e russos, respectivamente, com a colonização espanhola. Ambos concluíram que empreendimentos comerciais privados, focados no mercantilismo e extração de recursos, tinham resultados notavelmente diferentes daqueles empreendimentos orientados pelo Estado, exército ou religião. Essa conclusão talvez seja aplicável ao sudeste norte-americano. As empreitadas coloniais britânicas eram dominadas por dois empreendimentos: agricultura de *plantation*, que contava com o trabalho escravo de indígenas e africanos, e o comércio de peles e couros que envolvia uma rede regional de caçadores, processadores de couro e comerciantes nativos. Comerciantes britânicos vendiam o material bruto aos industriais europeus e asiáticos, que, em troca, forneciam os bens manufaturados desejados pelos britânicos e os caçadores nativos. Em oposição, os assentamentos espanhóis na mesma região se apropriaram da força de trabalho de nativos e africanos para produzir alimentos, artesanatos e construções para consumo direto nos sítios coloniais, fazendo com que os colonos tivessem uma dependência continuada dos bens produzidos localmente.

O padrão de Saint Augustine chamou atenção ao poder transformativo das práticas diárias, sugerindo que a incorporação dos bens artesanais e das comidas locais nas casas coloniais levou à formação de novas identidades dentre os colonos espanhóis. A possibilidade de que bens locais tenham chegado às habitações coloniais principalmente através dos regimes de trabalho em macroescala e sistemas de distribuição, em vez de como resultado de casamentos interraciais não nega os profundos efeitos culturais que o uso cotidiano de cultura material não ibérica e o consumo de comidas locais pode ter tido em populações coloniais.

Finalmente, um foco multiescalar no trabalho pode ressaltar aspectos antes negligenciados acerca de políticas de gênero em contextos coloniais. Regimes de trabalho na Espanha colonial, no circum-Caribe, eram altamente estruturados pelo gênero. Em La Florida, ambos homens e mulheres nativos trabalharam em missões e vilas tribais para satisfazer requisitos de tributos, mas somente homens eram recrutados como carregadores e trabalhadores em construções e na agricultura em Saint Augustine. (Milanich, 2006: 146–53). Arqueólogos que estudam o cenário colonial espanhol têm sido muito precipitados ao afirmar que “homens indígenas americanos são quase invisíveis no registro arqueológico dessas primeiras cidades hispano-

americana” (Deagan, 1996: 149). Na realidade, os vestígios materiais dos assentamentos coloniais testemunham veementemente acerca da presença de trabalhadores nativos americanos e africanos, a maioria provavelmente de homens, nos existentes vestígios arquitetônicos de construções públicas e fortificações militares. Depósitos arqueológicos associados aos campos de trabalho de nativos e vilas de trabalhadores têm sido localizadas em assentamentos coloniais espanhóis na Alta Califórnia (Silliman, 2004; Voss, 2008a) e provavelmente também estão presentes no contexto circum-caribenho. Assim como nas habitações inter-raciais, os ambientes de trabalho inter-racial, de forma semelhante, requerem agentes culturais que facilitam traduções linguísticas e culturais (Lightfoot, Wake & Schiff, 1991; Jackson & Castillo, 1995; Silliman, 2001b). A atenção ao papel dos agentes culturais nos regimes de trabalho pode fornecer novos *insights* a respeito dos resultados das relações sustentadas entre homens de diferentes *backgrounds*.

Os pesquisadores que têm estudado sítios coloniais espanhóis através de metodologias do padrão de Saint Augustine também reconhecem há tempos a importância dos regimes de trabalho e sistemas econômicos na arqueologia do imperialismo e transformações culturais. No entanto, esses elementos de empreendimentos coloniais vêm sendo amplamente discutidos como condições em um plano de fundo que auxiliam as interpretações de sítios residenciais coloniais, em vez de serem entendidos como sujeitos de uma investigação direta. Novas investigações de regimes de trabalho coloniais prometem produzir novas perspectivas nas relações de poder envolvidas no encontro colonial e nas maneiras que as relações de trabalho podem ter contribuído para a formação de novas identidades coloniais e práticas culturais. Todavia, ao longo do foco em instituições e processos de média e macroescala, a análise da escala doméstica ainda é essencial, pois é através das práticas estabelecidas na vida cotidiana que atores sociais negociaram a difícil interface entre poder institucional e agência pessoal nas Américas espanholas.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é para Kathy Deagan e suas colegas que fizeram pesquisas nas colônias americanas espanholas inspirando meu constante interesse pelo tópico. Em um rascunho anterior, Kathy generosamente comentou e chamou minha atenção para erros factuais e conceituais. A nossa correspondência resultou em um estímulo e uma reflexão maior sobre os principais problemas abordados neste artigo. Os comentários de Ben Orlove e dos revisores da *Current Anthropology* também ofereceram muitos *insights*, e eu lamento os espaços limitados que me proibiram de adotar todas as suas ideias. As conversas com Deborah Cohler, Shannon Dawdy, Pedro Paolo Funari, Mark Hauser, Ian Hodder, Kathleen Hull, Ross Jamieson, Kent Lightfoot, Ian Lilley, Enrique Rodríguez-Alegría, Nan Rothschild, Deb Rotman, Apen Ruíz, Encarna Sanahuja, Franz Scaramelli, Steve Silliman, e Kay Tarble de Scaramelli, todos contribuíram com perspectivas e sugestões especialmente úteis. Enquanto todos acima merecem muitos créditos, qualquer falha ou erro são meus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARNES, M. R. 1980. Mexican lead-glazed earthenwares. In *Spanish colonial frontier research*, ed. H. F. Dobyns, 92–110. Albuquerque: Center for Anthropological Studies.
- BEAUDRY, M. C. 2008. “Above vulgar economy”: The intersection of historical archaeology and microhistory in writing archaeological biographies of two New England merchants. In *Small worlds: Method and meaning in microhistory*, ed. James F. Brooks, Christopher DeCorse, and John Walton, 173–98. Santa Fe: School of American Research.
- BENSE, J. A. 1994. *Archaeology of the southeastern United States: Paleoindian to World War I*. San Diego: Academic Press.
- _____, ed. 1999. *Archaeology of Pensacola*. Gainesville: University Press of Florida.
- _____, ed. 2003. *Presidio Santa Maria de Galve: A struggle for survival in colonial Spanish Pensacola*. Gainesville: University Press of Florida. 888 *Current Anthropology* Volume 49, Number 5, October 2008.
- BINFORD, L. R. 1962. Archaeology as anthropology. *American Antiquity* 28:217–25.
- BOND, S. C., Jr. 1995. Tradition and change in first Spanish period (1565–1763) St. Augustine architecture: A search for colonial identity. Ph.D. diss., State University of New York, Albany.
- BURKE, H.. 1999. *Meaning and ideology in historical archaeology: Style, social identity and capitalism in an Australiantown*. New York: Springer.
- BURNS, K. 1999. *Colonial habits: Convents and the spiritual economy of Cuzco, Peru*. Durham: Duke University Press.
- CARRERAS, C. & FUNARI, P. P. A. 1999. *Britannia y el Mediterraneo: Estudios sobre el abastecimiento be'tico y africano a Britannia*. 1st ed. Barcelona: Universidad de Barcelona.
- CASELLA, E. C., & CROUCHER, S. 2008. *The Alderley Sandhills Project: An archaeology of community life in (post-)industrial England*. Manchester: Manchester University Press.
- CASTAÑEDA, A. I. 1993. Marriage: The Spanish borderlands. In *Encyclopedia of the North American colonies*, ed. J. E. Cooke, 727–38. New York: Maxwell Macmillan International.
- CAULFIELD, S. 2001. The history of gender in the historiography of Latin America. *Hispanic American Historical Review* 81:449–90.
- CAYWOOD, L. R. 1950. Hispanic pottery as a guide in historical studies. In *For the Dean: Essays in anthropology in honor of Byron Cummings on his eighty-ninth birthday, September 20, 1950*, ed. E. K. Read and D. S. King, 77–98. Tucson: Hohokam Museums Association and the Southwestern Monuments Association.
- CHAMBERS, S. C. 2003. New perspectives in Latin American women's and gender history. *Journal of Colonialism and Colonial History* 4:1.
- CHARLTON, T. H. 1976. Contemporary Mexican ceramics: A view from the past. *Man* 11:517–25.
- CHARLTON, T. H., CHARLTON, C. L. O. & FOURNIER-GARCÍA, P. 2005. The basin of Mexico A.D. 1450–1620: Archaeological dimensions. In *The postclassic to Spanish-era transition in Mesoamerica: Archaeological perspectives*, ed. S. Kepecs and R. T. Alexander, 49–63. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- CHARLTON, T. H., & FOURNIER, P. G. 1993. Urban and rural dimensions of the contact period, central Mexico, 1521–1620. In *Ethnohistory and archaeology: Approaches to postcontact change in the Americas*, ed. J. D. Rodgers and S. M. Wilson, 201–20. New York: Plenum.
- CLUNE, J. J.; CHILDERS, R. W.; COKER, W. S.; & SWANN, B. N. 2003. Settlement, settlers, and survival: Documentary evidence. In *Presidio Santa Maria de Galve: A struggle for survival in colonial Spanish Pensacola*, ed. J. A. Bense. Gainesville: University Press of Florida.
- COMAROFF, Jean. 1985. *Body of power, spirit of resistance: The culture and history of a South African people*. Chicago: University of Chicago Press.

- CONKEY, M. W.; & SPECTOR, J. D. 1984. Archaeology and the study of gender. In *Advances in archaeological method and theory*, vol. 7, ed. Michael Brian Schiffer, 1–38. New York: Academic Press.
- COPE, R. D.. 1994. *The limits of racial domination: Plebeian society in colonial Mexico City, 1660–1720*. Madison: University of Wisconsin Press.
- CROUCH, D. P.; GARR D. J.; & MUNDIGO, A. I. 1982. *Spanish city planning in North America*. Cambridge: MIT Press.
- CROWN, P. L. 2000. Women's role in changing cuisine. In *Women and men in the prehispanic Southwest: Labor, power, and prestige*, ed. P. L. Crown, 221–67. Santa Fe: School of American Research.
- DALGLISH, C.. 2003. *Rural society in the age of reason: An archaeology of the emergence of modern life in the Southern Scottish Highlands*. New York: Kluwer Academic/Plenum.
- DEAGAN, K. 1973. *Mestizaje* in colonial St. Augustine. *Ethnohistory* 20:55–65.
- _____. 1974. Sex, status, and role in the *mestizaje* of Spanish colonial Florida. Ph.D. diss., University of Florida, Gainesville.
- _____. 1983. *Spanish St. Augustine: The archaeology of a colonial Creole community*. New York: Academic Press.
- _____. 1985. Spanish-Indian interaction in sixteenth-century Florida and Hispaniola. In *Cultures in contact: The European impact on native cultural institutions in Eastern North America, A.D. 1000–1800*, ed. W. W. Fitzhugh, 281–318. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.
- _____. 1987. *Artifacts of the Spanish colonies of Florida and the Caribbean 1500–1800*. Vol. 1. *Ceramics, glassware, and beads*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.
- _____. 1988. The archaeology of the Spanish contact period in the Caribbean. *Journal of World Prehistory* 2:187–233.
- _____. 1990. Accommodation and resistance: The process and impact of Spanish colonization in the Southeast. In *Archaeological and historical perspectives on the Spanish borderland east*, ed. D. H. Thomas, 297–314. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.
- _____. 1991. Historical archaeology's contributions to our understanding of early America. In *Historical archaeology in global perspective*, ed. L. Falk, 97–112. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.
- _____, ed. 1995. *Puerto Real: The archaeology of a sixteenth century Spanish town in Hispaniola*. Gainesville: University Press of Florida.
- _____. 1996. Colonial transformation: Euro-American cultural genesis in the early Spanish-American colonies. *Journal of Anthropological Research* 52:135–60.
- _____. 1998. Transculturation and Spanish American ethnogenesis: The archaeological legacy of the quincentenary. In *Studies in culture contact: Interaction, culture change, and archaeology*, ed. J. G. Cusick, 126–45. Occasional Paper no. 25. Carbondale: Center for Archaeological Investigations, Southern Illinois University.
- _____. 1999. *Summary final report on archaeological resources at the Parques Nacionales Concepcio'n de la Vega and La Isabela, República Dominicana*. Gainesville: Florida Museum of Natural History, University of Florida.
- _____. 2001. Dynamics of imperial adjustment in Spanish America: Ideology and social integration. In *Empires: Perspectives from archaeology and history*, ed. S. E. Alcock, T. N. D'Altroy, K. Morrison, and C. M. Sinopoli, 179–94. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. 2002a. *Artifacts of the Spanish colonies of Florida and the Caribbean, 1500–1800*. Vol. 2. *Portable personal possessions*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.
- _____. 2002b. La Vega Cera'mica Indo-Hispano: An early sixteenth century Caribbean colono-ware. In *Ceramics in America*, ed. R. Hunter, 195–98. Fox Point, Wis.: Chipstone Foundation.

- _____. 2003. Colonial origins and colonial transformations in Spanish America. *Historical Archaeology* 37:3–13.
- _____. 2004. Reconsidering Taíno social dynamics after Spanish conquest: Gender and class in culture contact studies. *American Antiquity* 69:597–626.
- DEAGAN, K., & CRUXENT, J. M. 1993. From contact to *Criollos*: The archaeology of Spanish colonization in Hispaniola. *Proceedings of the British Academy* 81:67–104.
- _____. 2002a. *Archaeology at La Isabela: America's first European town*. New Haven: Yale University Press.
- _____. 2002b. *Columbus's outpost among the Taínos: Spain and America at La Isabela, 1493–1498*. New Haven: Yale University Press.
- DEAGAN, K.; LANDERS, J. 1999. Fort Mosé: Earliest free African-American town in the United States. In “I, too, am America”: *Archaeological studies of African-American life*, ed. T. A. Singleton, 261–82. Charlottesville: University Press of Virginia.
- DEAGAN, K.; MACMAHON, D. 1995. *Fort Mosé: Colonial America's black fortress of freedom*. Gainesville: University Press of Florida/Florida Museum of Natural History.
- DEAGAN, K.; REITZ, E. J.. 1995. Merchants and cattlemen: The archaeology of a commercial structure at Puerto Real. In *Puerto Real: The archaeology of a sixteenth-century Spanish town in Hispaniola*, ed. K. Deagan, 231–86. Gainesville: University Press of Florida.
- DEEDS, S. M. 2004. Pushing the borders of Latin American mission history. *Latin American Research Review* 39:211–20.
- de la Cadena, Marisol. 2005. Are mestizos hybrids? The conceptual politics of Andean identities. *Journal of Latin American Studies* 37:259–84.
- EHRHARDT, K. L. 2005. *European metals in native hands: Rethinking the dynamics of technological change 1640–1683*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.
- EWEN, C. R. 1991. *From Spaniard to Creole: The archaeology of cultural formation at Puerto Real, Haiti*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.
- _____. 2000. From colonist to Creole: Archaeological patterns of Spanish colonization in the New World. *Historical Archaeology* 34:36–45.
- FAGAN, B. M. 2005. *Ancient North America: The archaeology of a continent*. London: Thames and Hudson.
- FAIRCLOUGH, N.. 2005. Critical discourse analysis. *Marges linguistiques* 9:76–94.
- FEDUCHI, L. 1974. *Spanish folk architecture 1: The Northern Plateau*. Barcelona: Editorial Blume.
- FOSTER, G. M. 1960. *Culture and conquest: America's Spanish heritage*. Chicago: Quadrangle Books.
- FOURNIER, P. 2003. Historical archaeology in Mexico: A reappraisal. *SAA Archaeological Record* 3:18–19.
- FOURNIER GARCÍA, P. 1997. Tendencias de consumo en México durante los períodos colonial e independiente. In *Approaches to the historical archaeology of Mexico, Central, and South America*, ed. J. L. Gasco, G. C. Smith, and P. Fournier García, 49–58. Los Angeles: Institute of Archaeology, University of California, Los Angeles.
- FRANKLIN, M. 2001. The archaeological dimensions of soul food: Interpreting race, culture, and Afro-Virginian identity. In *Race and the archaeology of identity*, ed. C. E. Orser Jr., 88–107. Salt Lake City: University of Utah Press.
- FRINK, L. 2007. Storage and status in precolonial and colonial coastal western Alaska. *Current Anthropology* 48:349–74.
- FUNARI, P. P. A. 1999. Linguística e arqueologia. *DELTA, Revista de Estudos de Linguística Teórica e Aplicada* 15:161–76.

- _____. 2005. The comparative method in the archaeological study of the Spanish and Portuguese South American material culture. In *Global archaeological theory*, ed. P. P. A. Funari, A. Zarankin, and E. Stovel, 97–106. New York: Springer.
- _____. 2006. Conquistadors, plantations, and quilombo: Latin America in historical archaeology context. In *Historical archaeology*, ed. Martin Hall and Stephen Silliman, 209–29. Oxford: Blackwell.
- _____. 2007. A report on historical archeology publications in Latin America. *International Journal of Historical Archaeology* 11:99–192.
- FUNARI, P. P. A., & ZARANKIN, A, eds. 2004. *Arqueología histórica en América del Sur: Los desafíos del siglo XXI*. Bogota': Ediciones Uniandes.
- GALLE, J. E., & YOUNG, A. L. eds. 2004. *Engendering African American archaeology: A southern perspective*. Knoxville: University of Tennessee Press.
- GASCO, J. L. 2005. Spanish colonialism and processes of social change in Mesoamerica. In *The archaeology of colonial encounters: Comparative perspectives*, ed. G. J. Stein, 69–108. Santa Fe: School of American Research Press.
- GERO, J. M. & Conkey, M. W. eds. 1991. *Engendering archaeology: Women and prehistory*. Oxford: Blackwell.
- GIDDENS, A. 1984. *The constitution of society: Outline of the theory of structuration*. Berkeley: University of California Press. 890 *Current Anthropology* Volume 49, Number 5, October 2008.
- GOGGIN, J. M. 1968. *Spanish Majolica in the New World: Types of the sixteenth to eighteenth centuries*. New Haven: Yale University Press.
- GUTIERREZ, R. A. 1991. *When Jesus came, the corn mothers went away: Marriage, sexuality, and power in New Mexico, 1500–1846*. Stanford: Stanford University Press.
- HALBIRT, C. D. 2004. La ciudad de San Agustín: A European fighting presidio in eighteenth-century *La Florida*. *Historical Archaeology* 38:33–46.
- HARRIS, N. J. 2003. Native Americans. In *Presidio Santa Maria de Galve: A struggle for survival in colonial Spanish Pensacola*, ed. J. A. Bense. Gainesville: University Press of Florida.
- HAUSER, M. W., & DECORSE, C. R. 2003. Low-fired earthenwares in the African diaspora: Problems and prospects. *International Journal of Historical Archaeology* 7:67–98.
- HINGLEY, Richard. 2005. *Globalizing Roman culture*. London: Routledge.
- HODGES, W. H., & E. Lyon. 1995. A general history of Puerto Real. In *Puerto Real: The archaeology of a sixteenth-century Spanish town in Hispaniola*, ed. K. Deagan, 83–111. Gainesville: University Press of Florida.
- HODOS, T. 1999. Intermarriage in the western Greek colonies. *Oxford Journal of Archaeology* 18:61–78.
- HOFFMAN, K. 1997. Cultural development in *La Florida*. *Historical Archaeology* 31:24–35.
- JACKSON, R. H. 1999. *Race, caste, and status: Indians in colonial Spanish America*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- JACKSON, R. H., & CASTILLO, E. D. 1995. *Indians, Franciscans, and Spanish colonization*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- JAMIESON, R. W. 2000. Doña Luisa and her two houses. In *Lines that divide: Historical archaeologies of race, class, and gender*, ed. J. A. Delle, S. A. Mrozowski, and R. Paynter, 142–67. Knoxville: University of Tennessee Press.
- _____. 2005. Caste in Cuenca: Colonial identity in the seventeenth century Andes. In *The archaeology of plural and changing identities: Beyond identification*, ed. E. C. Casella and C. Fowler, 211–32. New York: Kluwer Academic/Plenum.

- JAMIESON, R. W., & HANCOCK, R. G. V. 2004. Neutron activation analysis of colonial ceramics from southern highland Ecuador. *Archaeometry* 46:569–83.
- JOHNSON, M. 1999. Rethinking historical archaeology. In *Historical archaeology: Back from the edge*, ed. Pedro Paulo A. Funari, Martin Hall, and Sia[^]n Jones, 23–36. London: Routledge.
- KELLOGG, S. 1995. *Law and the transformation of Aztec culture, 1500–1700*. Norman: University of Oklahoma Press.
- KELLY, J. A., R. H. Tykot, and J. T. Milanich. 2006. Evidence for early use of maize in peninsular Florida. In *Histories of maize: Multidisciplinary approaches to the prehistory, linguistics, biogeography, domestication, and evolution of maize*, ed. J. E. Staller, R. H. Tykot, and B. F. Benz, 249–61. Burlington, Mass.: Elsevier Academic.
- KEPECS, S. & ALEXANDER, R. T. 2005. *The postclassic to Spanish-era transition in Mesoamerica: Archaeological perspectives*. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- KING, J. A. 2006. Household archaeology, identities, and biographies. In *The Cambridge companion to historical archaeology*, ed. D. Hicks and M. C. Beaudry, 293–313. Cambridge: Cambridge University Press.
- LANDERS, J. 1999. *Black society in Spanish Florida*. Urbana: University of Illinois.
- LAWRENCE, S., & SHEPHERD, N. 2006. Historical archaeology and colonialism. In *The Cambridge companion to historical archaeology*, ed. D. Hicks and M. C. Beaudry, 69–86. Cambridge: Cambridge University Press.
- LEONE, M. P., C. J. LaRoche, and J. J. Babiarcz. 2005. The archaeology of black Americans in recent times. *Annual Review of Anthropology* 34:575–98.
- LEONE, M. P. 2005. *The archaeology of liberty in an American capital: Excavations in Annapolis*. Berkeley: University of California Press.
- LIGHTFOOT, K. G. 2005. *Indians, missionaries, and merchants: The legacy of colonial encounters on the California frontiers*. Berkeley: University of California Press.
- LIGHTFOOT, K. G., MARTINEZ, A. & SCHIFF, A. M. 1998. Daily practice and material culture in pluralistic social settings: An archaeological study of culture change and persistence from Fort Ross, California. *American Antiquity* 63:199–222.
- LIGHTFOOT, K. G., WAKE, T. & SCHIFF, A. eds. 1991. *The archaeology and ethnohistory of Fort Ross, California*. Vol. 1. *Introduction*. Contributions of the Archaeological Research Facility, no. 49. Berkeley: Archaeological Research Facility, University of California at Berkeley.
- LISTER, F. C., & LISTER, R. H. 1974. Maiolica in colonial Spanish America. *Historical Archaeology* 8:17–52.
- LOREN, D. D. 1999. Creating social distinction: Articulating colonial policies and practices along the 18th century Louisiana/Texas frontier. Ph.D. diss., Binghamton State University of New York.
- _____. 2005. Creolization in the French and Spanish colonies. In *North American archaeology*, ed. T. R. Pauketat and D. D. Loren, 297–318. Oxford: Blackwell.
- LOREN, D. 2001. Social skins: Orthodoxies and practices of dressing in the early colonial Lower Mississippi Valley. *Social Archaeology* 1:172–89.
- LOW, S. M. 1995. Indigenous architecture and the Spanish American plaza in Mesoamerica and the Caribbean. *American Anthropologist* 97:748–62.
- LYCETT, M. T. 2005. On the margins of peripheries: The consequences of differential incorporation in the colonial Southwest. In *The postclassic to Spanish-era transition in Mesoamerica: Archaeological perspectives*, ed. S. Kepecs and R. T. Alexander, 97–115. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- MCCLINTOCK, A. 1995. *Imperial leather: Race, gender, and sexuality in the colonial conquest*. New York: Routledge. *Voss Gender, Race, and Labor in the Spanish Colonial Americas* 891
- MCEWAN, B. G. 1986. Domestic adaptation at Puerto Real, Haiti. *Historical Archaeology* 20:44–49.

- _____. 1991. The archaeology of women in the Spanish New World. *Historical Archaeology* 25:33–41.
- _____. 1992. The role of ceramics in Spain and Spanish America during the 16th century. *Historical Archaeology* 26: 92–108.
- _____. 1995. Spanish precedents and domestic life at Puerto Real: The archaeology of two Spanish homesites. In *Puerto Real: The archaeology of a sixteenth-century Spanish town in Hispaniola*, ed. K. Deagan, 197–229. Gainesville: University Press of Florida.
- MCGUIRE, R. H. 1992. *A Marxist archaeology*. Orlando: Academic Press.
- _____. 2006. Marxism and capitalism in historical archaeology. In *The Cambridge companion to historical archaeology*, ed. D. Hicks and M. C. Beaudry, 123–42. Cambridge: Cambridge University Press.
- MANUCY, A. 1962. *The houses of St. Augustine*. St. Augustine: St. Augustine Historical Society.
- MARRINAN, R. A. 1995. Archaeology in Puerto Real's public sector: Building B. In *Puerto Real: The archaeology of a sixteenth-century Spanish town in Hispaniola*, ed. K. Deagan, 167–94. Gainesville: University Press of Florida.
- MERRITT, J. D. 1983. Beyond the town walls: The Indian element in colonial St. Augustine. In *Spanish St. Augustine: The archaeology of a colonial Creole community*, ed. K. Deagan, 125–47. New York: Academic Press.
- MILANICH, J. T. 2006. *Laboring in the fields of the Lord: Spanish missions and southeastern Indians*. Gainesville: University Press of Florida.
- MILLER, G. A. 2006. "The perfect mistress of Russian economy": Sighting the intimate on a colonial Alaskan terrain, 1784–1821. In *Haunted by empire: Geographies of intimacy in North American history*, ed. Ann Laura Stoler, 297–322. Durham: Duke University Press.
- MILLER, Marilyn Grace. 2004. *Rise and fall of the cosmic race: The cult of Mestizaje in Latin America*. Austin: University of Texas Press.
- MÖRNER, M. 1967. *Race mixture in the history of Latin America*. Boston: Little, Brown.
- NAGEL, J. 2003. *Race, ethnicity, and sexuality: Intimate intersections, forbidden frontiers*. Oxford: Oxford University Press.
- NASSANEY, Michael S., and M. Volmar. 2003. Lithic artifacts in seventeenth-century native New England. In *Stone tool traditions in the contact era*, ed. C. R. Cobb, 78–93. Tuscaloosa: University of Alabama Press.
- ORSER, Charles. 1996. *A historical archaeology of the modern world*. New York: Plenum Press.
- _____. 2004. *Historical archaeology*. Upper Saddle River, N.J.: Pearson Prentice Hall.
- ORTIZ, F. 1995. *Cuban counterpoint: Tobacco and sugar*. Durham: Duke University Press.
- PATTERSON, T. 2003. *Marx's ghost: Conversations with Archaeologists*. Oxford: Berg.
- PERRY, M. E. 1990. *Gender and disorder in early modern Seville*. Princeton: Princeton University Press.
- POLLARD, N. 2000. *Soldiers, cities, and civilians in Roman Syria*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- POWERS, K. V. 2002. Conquering discourses of "sexual conquest": Of women, language, and *mestizaje*. *Colonial Latin American Review* 11:7–32.
- REITZ, E. J. 1992. The Spanish colonial experience and domestic animals. *Historical Archaeology* 26:84–91.
- _____. 1994. Zooarchaeological analysis of a free African community: Gracia Real de Santa Teresa de Mosé. *Historical Archaeology* 28:23–40.
- REITZ, E. J., and CUMBAA, S. L.. 1983. Diet and foodways of eighteenth-century Spanish St. Augustine. In *Spanish St. Augustine: The archaeology of a colonial Creole community*, ed. K. Deagan, 151–85. New York: Academic Press.

- REITZ, E. J., & MCEWAN, B. G. 1995. Animals, environment, and the Spanish diet at Puerto Real. In *Puerto Real: The archaeology of a sixteenth-century Spanish town in Hispaniola*, ed. K. Deagan, 287–334. Gainesville: University Press of Florida.
- REITZ, E. J., & SCARRY, C. M. 1985. *Reconstructing historic subsistence with an example from sixteenth-century Spanish Florida*. Special Publication Series, no. 3. Glassboro, N.J.: Society for Historical Archaeology.
- REPS, J. W. 1992. *The making of urban America: A history of city planning in the United States*. Princeton: Princeton University Press.
- RODRÍGUEZ-ALEGRÍA, E. 2005a. Consumption and the varied ideologies of domination in colonial Mexico City. In *The postclassic to Spanish-era transition in Mesoamerica: Archaeological perspectives*, ed. S. Kepecs and R. T. Alexander, 35–48. Albuquerque: University of New Mexico Press.
- _____. 2005b. Eating like an Indian: Negotiating social relations in the Spanish colonies. *Current Anthropology* 46: 551–73.
- RODRÍGUEZ-ALEGRÍA, E., NEFF, H., & GLASCOCK, M. D.. 2003. Indigenous ware or Spanish import? The case of Indigena ware and approaches to power in colonial Mexico. *Latin American Antiquity* 14:67–81.
- ROTHSCHILD, N. A. 2003. *Colonial encounters in a Native American landscape: The Spanish and Dutch in North America*. Washington, D.C.: Smithsonian Books.
- ROTMAN, D. L. 2006. Separate spheres? Beyond the dichotomies of domesticity. *Current Anthropology* 47:666–74.
- RUBERTONE, P. E. 2000. The historical archaeology of Native America. *Annual Review of Anthropology* 29:425–46. [LF]
- SAUNDERS, R. 2000. *Stability and change in Gule Indian pottery, A.D. 1300–1702*. Tuscaloosa: University of Alabama Press.
- _____. 2001. Negotiated tradition? Native American pottery in the Mission Period at La Florida. In *The archaeology of traditions: Agency and history before and after Columbus*, 892 *Current Anthropology* Volume 49, Number 5, October 2008 ed. T. R. Pauketat, 77–93. Gainesville: University Press of Florida.
- SCARRY, C. M. 1993. Plant production and procurement in Apalachee province. In *The Spanish missions of La Florida*, ed. B. G. McEwan, 357–75. Gainesville: University Press of Florida.
- SCOTT, E. M. 1991. A feminist approach to historical archaeology: Eighteenth-century fur trade society at Michilimackinac. *Historical Archaeology* 25:42–53.
- SHARP, L. 1952. Steel axes for stone-age Australians. *Human Organization* 11:446–60.
- SHEPHARD, S. J. 1983. The Spanish Criollo majority in colonial St. Augustine. In *Spanish St. Augustine: The archaeology of a colonial Creole community*, ed. K. Deagan, 65–97. New York: Academic Press.
- SIGAL, P. H., ed. 2003. *Infamous desire: Male homosexuality in colonial Latin America*. Chicago: University of Chicago Press.
- SILLIMAN, S. 2001a. Agency, practical politics, and the archaeology of culture contact. *Journal of Social Archaeology* 1:190–209.
- _____. 2001b. Theoretical perspectives on labor and colonialism: Reconsidering the California missions. *Journal of Anthropological Archaeology* 20:379–407.
- _____. 2004. *Lost laborers in colonial California: Native Americans and the archaeology of Rancho Petaluma*. Tucson: University of Arizona Press.
- _____. 2005. Social and physical landscapes of contact. In *North American archaeology*, ed. T. R. Pauketat and D. D. Loren, 271–96. Oxford: Blackwell.
- _____. 2006. Struggling with labor, working with identities. In *Historical archaeology*, ed. M. Hall and S. W. Silliman, 147–66. Oxford: Blackwell.

- SMITH, G. C. 1995. Indians and Africans at Puerto Real: The ceramic evidence. In *Puerto Real: The archaeology of a sixteenth-century Spanish town in Hispaniola*, ed. K. Deagan, 335–74. Gainesville: University Press of Florida.
- _____. 1997. Hispanic, Andean, and African influences in the Moquegua Valley of Southern Peru. *Historical Archaeology* 31:74–83.
- SOCOLOW, S. 2000. *The women of colonial Latin America*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SORENSEN, M. L. S. 2000. *Gender archaeology*. Cambridge: Polity Press.
- SOUTH, S. 1978. Pattern recognition in historical archaeology. *American Antiquity* 43:223–30.
- _____. 1988. Santa Elena: Threshold of conquest. In *The recovery of meaning: Historical archaeology in the eastern United States*, ed. M. P. Leone and P. B. J. Potter, 27–72. Washington, D.C.: Smithsonian Institution Press.
- SOUTH, S., R. K. Skowronek, and R. E. Johnson, eds. 1988. *Spanish artifacts from Santa Elena*. Anthropological Studies no. 7. Columbia: University of South Carolina, South Carolina Institute of Archaeology and Anthropology.
- SPECTOR, J. D. 1993. *What this awl means: Feminist archaeology at a Wahpeton Dakota village*. St. Paul: Minnesota Historical Society Press.
- SPENCER-WOOD, S. M. 2006. Feminist theory and gender research in historical archaeology. In *The handbook of gender in archaeology*, ed. S. M. Nelson, 59–104. Lanham, Md.: AltaMira Press.
- STERN, S. J. 1995. *The secret history of gender: Women, men, and power in late colonial Mexico*. Chapel Hill: University of North Carolina Press.
- STOLER, A. L. 2001. Tense and tender ties: The politics of comparison in North American history and (post) colonial studies. *Journal of American History* 88:829–65.
- _____. 2002. *Carnal knowledge and imperial power: Race and the intimate in colonial rule*. Berkeley: University of California Press.
- _____, ed. 2006a. *Haunted by empire: Geographies of intimacy in North American history*. Durham: Duke University Press.
- _____. 2006b. Intimidations of empire: Predicaments of the tactile and the unseen. In *Haunted by empire: Geographies of intimacy in North American history*, ed. Ann Laura Stoler, 1–22. Durham: Duke University Press.
- THOMAS, D. H., & KELLY, R. L. 2006. *Archaeology*. Belmont, Calif.: Thomson Wadsworth.
- TREXLER, R. C. 1995. *Sex and conquest: Gendered violence, political order, and the European conquest of the Americas*. Ithaca: Cornell University Press.
- TROCOLLI, R. 1992. Colonization and women's production: The Timucua of Florida. In *Exploring gender through archaeology: Selected papers from the 1991 Boone Conference*, ed. C. Claassen and M. C. Beaudry, 95–102. Monographs in World Archaeology, no. 11. Madison, Wis.: Prehistory Press.
- VAN BUREN, M. 1999. Tarapaya: An elite Spanish residence near colonial Potosí' in comparative perspective. *Historical Archaeology* 33:101–15.
- VOSS, B. L. 2000. Colonial sex: Archaeology, structured space, and sexuality in Alta California's Spanish-colonial missions. In *Archaeologies of sexuality*, ed. R. A. Schmidt and B. L. Voss, 35–61. London: Routledge.
- _____. 2002. *The archaeology of El Presidio de San Francisco: Culture contact, gender, and ethnicity in a Spanish colonial military community*. Ph.D. diss., University of California, Berkeley.
- _____. 2005. From *Casta* to *Californio*: Social identity and the archaeology of culture contact. *American Anthropologist* 107:461–74.
- _____. 2006. Engendered archaeology: Men, women, and others. In *Historical archaeology: Studies in global archaeology*, ed. M. Hall and S. W. Silliman, 107–27. London: Blackwell.

- _____. 2008a. *The archaeology of ethnogenesis: Race and sexuality in colonial San Francisco*. Berkeley: University of California Press.
- _____. 2008b. Poor people in silk shirts: Dress and ethnoVoss Gender, Race, and Labor in the Spanish Colonial Americas 893 genesis in Spanish-colonial San Francisco. *Journal of Social Archaeology* 8:404–32.
- WAGNER, M. J. 1998. Some think it impossible to civilize them at all: Cultural change and continuity among the early nineteenth-century Potawatomi. In *Studies in culture contact: Interaction, culture change, and archaeology*, ed. J. G. Cusick, 430–56. Occasional Paper no. 25. Carbondale: Center for Archaeological Investigations, Southern Illinois University.
- WEBER, D. J. 1992. *The Spanish frontier in North America*. New Haven: Yale University Press.
- WERNKE, S. A. 2007. Negotiating community and landscape in the Peruvian Andes: A trans-conquest view. *American Anthropologist* 109:130–52.
- WHELAN, M. K. 1993. Dakota Indian economics and the nineteenth-century fur trade. *Ethnohistory* 40:246–76.
- WILKIE, L. A. 2000. *Creating freedom: Material culture and African American identity at Oakley Plantation*. Baton Rouge: Louisiana State University Press.
- WILKIE, L. A.; & FARNSWORTH, P. 1999. Trade and the construction of Bahamian identity: A multiscale exploration. *International Journal of Historical Archaeology* 3:283–320.
- WILLIS, R. 1995. Empire and architecture at Puerto Real: The archaeology of public space. In *Puerto Real: The archaeology of a sixteenth-century Spanish town in Hispaniola*, ed. K. Deagan, 141–66. Gainesville: University Press of Florida.
- WOOD, M. 2002. Women's work and class conflict in a working-class coal-mining community. In *The dynamics of power*, ed. M. O'Donovan, 66–87. Occasional Paper no. 30. Carbondale: Center for Archaeological Investigations, Southern Illinois University.
- WURST, L., & MCGUIRE, R. H.. 1999. Immaculate consumption: A critique of the “shop till you drop” school of human behavior. *International Journal of Historical Archaeology* 3:191–99.
- WURST, L. 2002. “For the means of your subsistence. . . look under God to your own industry and frugality”: Life and labor in Gerrit Smith's Peterboro. *International Journal of Historical Archaeology* 6:159–72.
- YENTSCH, A. E. 1994. *A Chesapeake family and their slaves: A study in historical archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ZARANKIN, A. & ACUTO, Felix A., eds. 1999. *Sed non satiata: Teoría social en la arqueología Latinoamericana contemporánea*. Buenos Aires: Ediciones del Tridente.
- ZARANKIN, A. & SALERNO, M. 2007. Historical archaeology in South America. In *Encyclopedia of archaeology*, ed. Deborah M. Pearsall. London: Academic Press.